

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RIO GRANDE- FURG  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS ADMINISTRATIVAS, CONTÁBEIS E ECONÔMICAS-  
ICEAC  
TECNOLOGIA EM GESTÃO DE COOPERATIVAS

MANOEL KABKE IGANSI

**REPENSANDO A FORMA DE PRODUZIR: UMA ANÁLISE SOBRE OS DESAFIOS  
E PRAZERES NA MANUTENÇÃO DA ARTESANALIDADE DOS AGRICULTORES  
ECOLÓGICOS NO MUNICÍPIO DE SÃO LOURENÇO DO SUL, RS.**

SÃO LOURENÇO DO SUL  
2023

**REPENSANDO A FORMA DE PRODUZIR: UMA ANÁLISE SOBRE OS DESAFIOS  
E PRAZERES NA MANUTENÇÃO DA ARTESANALIDADE DOS AGRICULTORES  
ECOLÓGICOS NO MUNICÍPIO DE SÃO LOURENÇO DO SUL, RS.**

Trabalho de Conclusão de Curso do curso de Gestão de Cooperativas, pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG - Instituto de Ciências Econômicas, Administrativas e Contábeis - ICEAC

Professora Orientadora: Dra. Adriana Paola Paredes Peñafiel

SÃO LOURENÇO DO SUL, RS

2023

MANOEL KABKE IGANSI

**REPENSANDO A FORMA DE PRODUZIR: UMA ANÁLISE SOBRE OS DESAFIOS  
E PRAZERES NA MANUTENÇÃO DA ARTESANALIDADE DOS AGRICULTORES  
ECOLÓGICOS NO MUNICÍPIO DE SÃO LOURENÇO DO SUL, RS.**

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Tecnologia em Gestão de Cooperativas da Universidade Federal do Rio Grande – FURG – Campus São Lourenço do Sul como requisito parcial à obtenção do grau de Tecnólogo em Gestão de Cooperativas, aprovado pela comissão de avaliação abaixo assinada:

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Adriana Paola Paredes Peñafiel (FURG)  
(Orientadora - FURG)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Carmem Rejane Pacheco (FURG)

---

Prof. Dr. Guilherme Francisco Waterloo Radomsky (UFRGS)

---

Prof. Dr. Márcio André Leal Bauer (FURG)

São Lourenço do Sul, 21 de Dezembro de 2023.

Dedico este trabalho a minha família, principalmente a minha mãe Silvia, que esteve ao meu lado nos momentos mais difíceis, e a meu pai Hamilton, onde quer que esteja esteve olhando por mim.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente a deus por me conceder força e coragem para enfrentar os momentos de grande dificuldade.

Eternamente, aos agricultores familiares que aceitaram participar da pesquisa, por sua sabedoria, ensinamentos e a paciência em me receberem em suas propriedades, aos quais levarei para a vida toda.

A minha orientadora, Prof<sup>ª</sup> Adriana, pela paciência, compreensão e auxílio durante a minha caminhada, bem como as oportunidades. A todos os docentes, pelas trocas diárias e ensinamentos, aos quais tenho um profundo respeito e que, os levarei como amigos para o resto da vida.

A INEESOL, em especial a Prof<sup>ª</sup> Liandra ao qual se dispôs a ajudar no contato com os agricultores familiares, e também pela paciência durante o processo de extensão.

Aos meus colegas de graduação, pelas trocas e conversas nas aulas, a quem levarei como amigos.

A banca examinadora, que aceitou o convite para contribuir durante este momento da minha vida acadêmica.

A minha mãe Silvia que sempre me apoiou e nunca deixou que eu desistisse de continuar lutando.

E a todos envolvidos.

Grato!

## RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso trata das relações, conhecimentos, estórias e experiência que foram mobilizadas no processo de transição da agricultura do tabaco para a agricultura familiar de base agroecológica em São Lourenço do Sul/RS. O objetivo geral consistiu em analisar os desafios dos agricultores familiares de base agroecológica, inseridos na Feira Livre da Praça Central de São Lourenço do Sul, em manter o seu estilo de agricultura. Foram entrevistadas quatro famílias durante os meses de outubro e novembro de 2023, que são do interior do município. Este trabalho aponta que o processo de transição para os agricultores está vinculado a uma forma de produzir camponesa já que retornam a uma artesanidade e a um prazer que promove uma satisfação nos mesmos em serem agricultores. No entanto, há problemas sérios como a desvalorização do preço, a despolitização do consumidor e a descontinuação da atividade pelos sucessores.

**Palavras chave:** Transição agroecológica. Agricultura familiar. Artesanidade. Feiras Livres.

## ABSTRACT

This Final Paper deals with the relationships, knowledge, stories and experience that were mobilized in the process of transition from tobacco farming to agroecological-based family farming in São Lourenço do Sul/RS. The main goal was to analyze the challenges that agroecological-based family farmers face in order to keep their way of producing. Those farmers are also part of the Feira Livre da Praça Central de São Lourenço do Sul (free fair). Four families were interviewed during the months of October and November 2023, who are from the interior of the municipality. This work points out that the transition process for farmers is linked to a peasant way of producing as they return to an artisanal labour process and a pleasure that promotes satisfaction in being farmers. However, there are serious problems such as price devaluation, depoliticization of the consumer and the discontinuation of the activity by successors.

**Keywords:** Agroecological transition. Family farming. Artisanal Labour Process. Free fairs.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Esquema de reprodução relativamente autônoma e historicamente garantida .....	28
---	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Quadro cronológico de conversas com agricultores familiares.....17

## LISTA DE ABREVIATURAS

AFUBRA – Associação de Fumicultores do Brasil

CAPA – Centro de Apoio e Promoção a Agroecologia

CEP – Conselho de Ética em Pesquisa

FURG - Universidade Federal do Rio Grande

PAA – Programa de Aquisição de Alimentos

PRONAF - Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar

PNAE – Programa Nacional de Alimentação Escolar

RS – Rio Grande do Sul

TCC- Trabalho de Conclusão de Curso

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

## Sumário

1. INTRODUÇÃO .....	12
2. PROPOSIÇÃO METODOLÓGICA .....	16
3. REFERENCIAL TEÓRICO .....	18
3.1 DA AGRICULTURA FAMILIAR .....	18
3.2 DAS FORMAS DE PRODUÇÃO .....	22
3.2.1 Forma de Produção Empresarial.....	22
3.2.2 Forma de Produção Camponesa .....	24
3.3 CERTIFICAÇÃO PARTICIPATIVA.....	27
3.4 ESTILOS DE COMERCIALIZAÇÃO.....	30
3.5 DAS FEIRAS .....	34
4. ANÁLISE DAS EXPERIÊNCIAS COMPARTILHADAS PELOS AGRICULTORES FAMILIARES DE BASE ECOLÓGICA.....	38
4.1 DESAFIOS NA APOSTA NO AGROECOLÓGICO .....	40
4.2 DA AGRICULTURA FAMILIAR .....	44
4.2.1 Da Forma de Produção Empresarial .....	44
4.2.2 Da Forma de Produção Camponesa .....	45
4.2.3 Das Feiras e Circuitos Curtos.....	48
4.3 DA CONTRADIÇÃO ENTRE AS FORÇAS DE PRODUÇÃO, SAÚDE E NA PRODUÇÃO DE NÃO ALIMENTOS .....	52
4.4 HÁ COLONIZAÇÃO DO CONHECIMENTO? .....	55
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	57
6. REFERÊNCIAS .....	59
APÊNDICE A - ROTEIRO DE PERGUNTAS ABERTAS PARA OS AGRICULTORES FAMILIARES ECOLÓGICOS QUE PARTICIPEM FEIRA LIVRE MUNICIPAL DE SÃO LOURENÇO DO SUL .....	61
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .....	62

## 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é um resultado da minha pesquisa sobre as experiências de famílias de agricultores no interior de São Lourenço do Sul/RS que mobilizam a artesanidade como forma de vitalizar as suas terras e os seus corpos diante de uma sociedade que contempla os alimentos pelo seu valor de troca. Agricultores ecológicos não apenas produzem diferentemente, neste trabalho veremos que os seus pensamentos são tão complexos e isto tem a ver com a forma como produzem vida. Não entanto, essa aposta na artesanidade não escapa de seduções já que a experiência vivida pelas famílias na agroecologia também envolve frustrações com outros agentes: o consumidor despolitizado e o poder público. Por isso a importância de distinguir este segmento social.

Assim, existem diversos olhares sobre o que é a agricultura familiar. De acordo com o Ploeg (2009), é possível diferenciar os agricultores familiares ao identificar os estilos de formas de produção que se aproximam ou se afastam do capital ecológico. Duas formas de produção são destacadas e que são de interesse para este trabalho: a forma de produção empresarial e a forma de produção camponesa. A primeira é caracterizada por ser assimétrica e hierarquizada. Esta forma é descrita por visar a produção em escala, na qual está prevista a diminuição do custeio da produção, o aumento da produtividade geral e o aumento gradativo do lucro das grandes empresas.

Já a forma de produção camponesa é caracterizada pela coprodução e pela criação da base de recursos, pela criação de valores tanto no trabalho quanto nos produtos, visando a criação de laços entre os envolvidos no processo, que explicarei com mais detalhe na seção do referencial teórico.

A cultura do tabaco pode ser associada à produção empresarial. Grandes empresas de processamento de tabaco estão presentes no Rio Grande do Sul. Segundo dados da AFUBRA (safra 2021/2022), cerca de 67.644 famílias cultivam o tabaco no estado.

Ditas famílias produzem cerca de 265.610 toneladas em 114.058 hectares plantadas, mostrando-se um ambiente muito promissor para o desenvolvimento desta cultura. Porém, o desenvolvimento desta cultura requer do uso intensivo de insumos de origem química que são aplicados desde o preparo do solo, no manejo

nas bandejas, até durante o período de amadurecimento, se mostrando uma cultura altamente danosa tanto para as pessoas envolvidas no processo quanto para o ecossistema que está ao redor das plantações.

Esta forma de produção tem pouco ou nenhum interesse na sustentabilidade dos recursos existentes na região ao qual ele é implantado. Pelo contrário, faz com que os agricultores que o praticam sejam levados ao limite, tal como de esgotamento físico por causa da alta carga de trabalho envolvendo movimentos repetitivos. Não se pode esquecer do esgotamento mental, uma vez que os mesmos ficam saturados com as dívidas que adquirem junto das empresas tabagistas.

Na cidade de São Lourenço do Sul, foram produzidas durante a safra 2021/2022, mais de 15.325 toneladas de tabaco por 6.958 famílias, segundo dados da AFUBRA. Segundo Fialho e Garcia (2003), é possível observar que tais famílias praticam a agricultura com a aplicação da forma de produção empresarial na cultura do tabaco. Ao mostrar um certo esgotamento, tanto das capacidades físicas como mentais, bem como das capacidades econômicas e ambientais de sua propriedade, decidem dar início ao processo de transição, da monocultura do tabaco para a agricultura familiar agroecológica.

Para Ploeg (2009), o estilo de produção camponês supera a forma de produção empresarial porque o primeiro procura agregar valor sobre o produto trabalhado pelas famílias. Contudo, o processo de transição de produção de tabaco para produção de alimentos ecológicos, por exemplo, é algo muito mais complexo, pois também será necessário que o agricultor experimente uma reconstrução de identidade. Este processo de reconstrução pode implicar uma reconexão com as raízes ancestrais onde se faz necessário um resgate destes saberes a muito perdidos (FROEHLICH, 2002). Ao mesmo tempo, pode ser necessário que se revisitem os referenciais culturais vividos pela pessoa e/ou pelo coletivo, que com o avançar do tempo e com os avanços tecnológicos, foram se perdendo.

Dada a existência de agricultores familiares de base agroecológica no município de São Lourenço do Sul, que passaram por um processo de transição de fumo para produção de alimentos ecológicos e que participam hoje na Feira Livre da Praça Central de São Lourenço do Sul, exponho a minha pergunta de pesquisa: quais são os dilemas na produção encontrados por estes agricultores em manter a sua forma de produzir? Quais relações, conhecimentos, histórias foram mobilizadas

ao lidar com os dilemas? Foi esta experiência coletiva entre os agricultores ecológicos que participam da Feira?

Apresento a seguinte hipótese: o processo de transição de uma agricultura baseada na monocultura do tabaco para uma agricultura de base agroecológica mobiliza vínculos com a natureza que podem estar associados com a produção de vitalidades de uma agricultura camponesa.

Como objetivo geral consiste em analisar os desafios dos agricultores familiares de base agroecológica que estão inseridos na Feira Livre da Praça Central de São Lourenço do Sul em manter o seu estilo de agricultura. Ao mesmo tempo, o presente projeto tem como objetivos específicos os descritos a seguir:

- 1) Entender as habilidades e experiências pelos agricultores familiares de base agroecológica do interior do município de São Lourenço do Sul;
- 2) Compreender as diferenças entre a forma de produção camponesa em contrapartida à forma de produção empresarial;
- 3) Analisar as dinâmicas dos circuitos curtos de comercialização de produtos de base ecológica no município de São Lourenço do Sul.
- 4) Analisar as contradições existentes entre as forças de produção, e na produção de não alimentos.

Ao alcançar ditos objetivos, é possível entender um pouco mais a dinâmica por trás das várias formas de produção aos quais os tipos de agricultores familiares estão inseridos. Além disso, observaremos que a agricultura familiar não é um conceito único e indivisível, e entenderemos suas características e nuances.

A minha proposta consiste em diferenciar os estilos de produção dentro agricultura familiar já que este termo corre o risco de simetrizar a agricultura familiar associada a uma forma de produção empresarial e a agricultura familiar associada a uma forma de produção camponesa. Ao destacar estas outras relações que compõem a agricultura familiar com base ecológica, o estudo pode servir de base para pensar coletivamente em formas de motivar este estilo de agricultura.

Por esse motivo, esta pesquisa se faz necessária. Primeiro, para demonstrar os diversos impactos causados por uma agricultura que pratica a monocultura de tabaco principalmente relacionada com a saúde. Segundo, para mostrar uma

agricultura familiar de base agroecológica que possui uma forma de produção camponesa, cujas bases conseguem coproduzir e manter uma base de recursos, onde há uma construção identitária tanto pessoal quanto de territorialidade bem como praticar uma pluriatividade que visa a versatilidade das famílias perante os perigos, tanto climáticos quanto econômicos. O que proporciona uma melhora significativa na qualidade de vida dos agricultores, que passam a produzir sem usar insumos de origem química, que muitas vezes são danosos para a saúde, quanto para consumidores que passam a consumir um produto com menos agrotóxicos, sendo uma opção mais saudável.

## 2. PROPOSIÇÃO METODOLÓGICA

A presente pesquisa ocorreu no formato exploratório, distribuída em três etapas principais. A pesquisa é qualitativa porque ela não se preocupa com representatividade numérica e sim com a compreensão do fenômeno social que no meu caso é a transição para a agricultura de base ecológica e os seus desafios. Também trata-se de uma pesquisa exploratória já que segundo Lovois et al. (2014), este tipo de pesquisa tem por finalidade preencher diversas lacunas que ficaram presentes em pesquisas anteriores e procura explorar algumas questões que ficaram sem resposta.

A primeira etapa foi dedicada à revisão bibliográfica, elaborada à luz dos conceitos de agricultura familiar, os vários tipos de formas de produção, bem como sobre o processo de transição, utilizando-se de fontes bibliográficas como livros, TCCs e dissertações de mestrado, como artigos publicados em periódicos.

A segunda etapa consistiu em uma pesquisa de campo com os agricultores familiares que já realizaram o processo de transição e que comercializam os seus produtos na feira de São Lourenço do Sul. Como instrumento de pesquisa, elaborou-se um roteiro com seis perguntas abertas para conduzir o diálogo com os e as entrevistadas.

O meu primeiro contato com os agricultores familiares entrevistados foi na disciplina de Política e Desenvolvimento Territorial, ministrada pela professora Carmem Rejane Pacheco. A pesquisa de campo também possuiu grande contribuição da Incubadora de empreendimentos de economia solidaria (INEESOL), uma vez que a mesma auxiliou no contato do pesquisador com as famílias pesquisadas.

Com isso, foram entrevistadas quatro famílias que passaram pelo processo de transição da cultura do tabaco para a agricultura familiar de base ecológica, tendo em vista os conceitos abordados no referencial teórico. Dos quais também foram gravadas as conversas e transcritas, sendo que para que fosse possível gravar as entrevistas, todas as famílias concordaram com o TCLE (Termo de Esclarecimento Livre e Esclarecido). Abaixo, exponho os dados das famílias com as datas da entrevista:

Quadro 1: Quadro cronológico de entrevistas com agricultores familiares:

	<b>Familia 1</b>	<b>Familia 2</b>	<b>Familia 3</b>	<b>Familia 4</b>
Família	Familia "K"	Familia "M"	Familia "S"	Familia "R"
Data entrevista	28/09/2023	05/10/2023	19/10/2023	23/10/2023
Localidade	Campos Quevedos	Butiá	Quevedos	Quevedos
TCLE	Concordou com o TCLE	Concordou com o TCLE	Concordou com o TCLE	Concordou com o TCLE

Fonte: Elaboração Própria.

Na terceira etapa foi realizada uma análise dos relatos compartilhados durante a pesquisa de campo, para assim fazer a análise a luz dos conceitos abordados ao longo do referencial teórico. Ainda, segundo Froehlich e Froehlich (2014), as pesquisas de caráter qualitativo têm por objetivo testar teorias subjetivas, bem como, examinar diversas variáveis que também podem ser medidas com instrumentos qualitativos.

Todos procedimentos metodológicos respeitaram os preceitos éticos constantes na resolução que trata de pesquisas com seres humanos mais adequada ao seu protocolo de pesquisa, sendo a Resolução n° 510 de 2016 (Resolução CNS no 466/2012, item III e item XIV; Instrução Normativa PROPEP/FURG no 06/2019, Art. 5o, item II, subitem d).

### 3. REFERENCIAL TEÓRICO

#### 3.1 DA AGRICULTURA FAMILIAR

Atualmente, há muitos avanços sobre as definições do termo agricultura familiar, visto que já se torna possível observá-los com mais afago, bem como distingui-los em suas características. Schneider e Cassol (2014) descrevem os mesmos como um grande grupo social heterogêneo, de diversidade econômica, composto por pequenos agricultores que são proprietários das terras e que mobilizam a mão-de-obra familiar. Os mesmos produzem tanto para o seu próprio consumo quanto para a comercialização. Isso nos indica que a agricultura familiar é um grupo social complexo, com seu próprio estilo de vida, com suas próprias regras e uma ampla diversidade econômica.

O anterior corrobora com o que Abramovay (2007) propõe. Para o autor, os agricultores familiares são um sistema economicamente complexo e a sua descrição coincide com as características acima descritas pelos autores. Mas, o grau de inserção ao mercado deste grupo faz com que os mesmos alterem o seu modo de vida a uma profissão, onde os laços comunitários perdem a sua importância para a reprodução social no campo.

Desta forma, podemos fazer uma distinção mais apurada sobre o que é agricultura familiar, visto que os conceitos podem até convergir entre si, mas se mostram diferenciados enquanto em abordagem prática. Segundo Niederle et al. (2014), é possível mostrar que existe uma certa heterogeneidade no que tange à agricultura familiar, principalmente quando olhamos para o mercado e as formas de produzir. Isso também nos faz olhar para o mercado de *commodities* agrícolas, dos quais a agricultura pode ser de cunho familiar, porém aplicando apenas outra forma de produzir e com um olhar voltado mais para o mercado. De outro lado, como é descrito por Ploeg (2009), o agricultor familiar de base camponesa é aquele que pratica uma forma de produção artesanal e mais ancestral, do qual praticam um certo distanciamento do mercado<sup>1</sup> convencional. Porém, outro fator observável no

---

<sup>1</sup> Para Abramovay (2007) o agricultor familiar é uma unidade de trabalho doméstica, que faz uso da mão de obra familiar, do qual também aos poucos se insere no mercado de acordo com as necessidades familiares.

que tange à agricultura familiar e suas diferenças, é de que com a evolução tecnológica. Há um processo de industrialização do campo cada vez mais acelerado.

A agricultura atual, principalmente no que tange à prática de cultivo do tabaco, é uma agricultura altamente tecnológica, versátil, e que faz uso intensivo de insumos de origem química. A prática se mostra de extrema importância para algumas famílias, principalmente no município de São Lourenço do Sul, no qual há 6.958 famílias que dependem exclusivamente desta cultura como meio de subsistência, produzindo cerca de 15.325 toneladas de tabaco na safra de 2021/2022, segundo dados da AFUBRA. Essa prática exige a atenção total do agricultor praticamente o ano inteiro, pensando desde a semeadura, ao transplante das bandejas até o solo a ser plantado. Mesmo após a colheita, o trabalho de secagem nas estufas e logo dos galpões, continua árduo na classificação e preparo do tabaco para o envio às empresas fumageiras, as quais passam a exportar o tabaco para o exterior. Todo esse processo nos mostra que esta prática possui um olhar “empresarial” já que segundo Ploeg (2009), se caracteriza como uma forma de produção em escala, com um uso intensivo de tecnologias para a intensificação das mesmas.

Isso nos mostra que esta forma de produção não possui olhar algum no agricultor em si, ou no seu trabalho, e no valor das relações que o mesmo constrói, transformando os mesmos em números.

A partir desta concepção, é possível ver que o agricultor passa a ser apenas mais um número dentro da forma de produção empresarial, sendo obrigado a produzir para um aumento cada vez maior na escala de produção. Muitas vezes essa intensificação da produção e a busca incessante por melhores números nas lavouras, bem como o temor por perdas, leva às famílias ao esgotamento tanto físico quanto mental. E isso acarreta não só na desvalorização do próprio trabalho do agricultor como também afasta as novas gerações do trabalho no campo. Uma vez que o trabalho não passa a prover tudo aquilo que a família precisa, bem como o trabalho não se faz mais satisfatório, ocorrendo assim um êxodo de jovens do campo.

Quando pensamos em agricultores que praticam a monocultura do tabaco também devemos levar em conta as diversas dívidas que são adquiridas pelo agricultor ao longo do tempo. Esse processo de endividamento é devido ao fato de que muitas das dívidas vêm de compras com a própria empresa tabagista, no que

tange em uma forma de produção cada vez mais alimentada pela alta tecnologia bem como, o aumento da produção em escala. É descrito por Ploeg (2009) que com o aumento da demanda de serviço, mais insumos serão consumidos, em troca de um aumento significativo de trabalho. Porém, isso não significa que o mesmo será retribuído ao agricultor de maneira agradável. Com isso, os agricultores vêm suas dívidas aumentando a medida que precisam de crédito para conseguir acompanhar o aumento de demandas das empresas ao qual vendem bem como suprir suas necessidades básicas.

No campo político, a agricultura familiar só começa a ganhar mais notoriedade a partir dos anos 1990. Segundo Schneider (2002), foi com a criação de diversos programas como PRONAF (Programa Nacional de Fortalecimento a Agricultura Familiar) que os agricultores familiares começaram a ter acesso a crédito para poder financiar suas produções. Esse programa serviu como um meio de visibilidade para os agricultores familiares, que até meados da década de 1980 eram deixados de lado em políticas públicas. De acordo com o autor:

Esse programa, formulado como resposta às pressões do movimento sindical rural desde o início dos anos de 1990, nasceu com a finalidade de prover crédito agrícola e apoio institucional às categorias de pequenos produtores rurais que vinham sendo alijados das políticas públicas ao longo da década de 1980 e encontravam sérias dificuldades de se manter na atividade. (SCHNEIDER, 2002, p.100)

O PRONAF se mostrou uma importante ferramenta de visibilidade para o pequeno agricultor, uma vez que o mesmo foi uma conquista dos movimentos sindicais rurais dos anos 1990. Porém, ainda assim, o programa encontra dificuldades em compreender os pequenos agricultores como um todo, ainda sim, existe uma dificuldade de acesso ao programa.

A agricultura familiar deve ser diferenciada em diversos aspectos e não colocada em uma única face produtiva. Ainda que a agricultura familiar é vista, num todo, como altamente tecnológica e altamente produtiva e dependente de avanços oriundos da ciência.

Quando olhamos para as famílias que atualmente cultivam o tabaco, elas são classificadas como agricultura familiar. Porém, segundo Schneider (2003), eles podem ser considerados como uma mera unidade produtiva que conforma parte do processo produção e não podendo agregar sentido e nem valor ao trabalho

realizado na propriedade já a que o tempo e a terra são destinados só ao fumo e não aos alimentos.

De outro lado, temos o campesinato. Ainda, segundo Abramovay (2007), o autor nos diz que o campesinato é um sistema econômico complexo, ou seja, são regidos pela lei da reprodução e desenvolvimento, na qual eles consomem e produzem de acordo com suas necessidades e entram e saem do mercado, não há uma regularidade. Estes mercados também não são caracterizados pela impessoalidade.

Esta definição de campesinato tem diferenças com a de Ploeg (2009). O autor descreve o camponês como aquele que produz seus alimentos e os seus excedentes são devolvidos à natureza havendo a criação de uma base de recursos, que se mantida com o devido cuidado, permite uma forma de produção que seja permanente e por tempo indeterminado. Aqui entram os agricultores ecológicos.

Para que o processo de transição de uma agricultura convencional para a uma agricultura de base ecológica ocorra é necessária a separação entre estes dois tipos de agricultura familiar. Porém, também é possível diferenciá-los pela valorização do trabalho, uma vez que em ambos os tipos existe uma diferença quanto ao valor que é dado ao trabalho. Se seguimos Ploeg (2009), o agricultor ecológico pode ser aquele que trabalha uma forma de produzir camponesa busca além de agregar um valor econômico ao seu produto, incluir valores sociais e satisfação no trabalho.

Neste ponto, segundo a classificação de Schneider (2002), na unidade produtiva que está integrada à empresa de fumo existe apenas a lógica de que a produção deve ser feita de maneira a atender as demandas do mercado. Ou seja, havendo sempre a aplicação da produção em escala, na qual sempre tenta-se balancear o custo da produção versus o aumento da produtividade e, pensando nas famílias que produzem o tabaco, elas se preocupam durante um ano inteiro somente no cultivo do tabaco, focando suas forças tanto físicas quanto psicológicas somente nessa cultura, sendo que também empregam todas suas economias nesse empreendimento. Com isso, os mesmos ficam presos a diversos fatores, um deles é o alto endividamento causado pela compra e uso intensivo de insumos de origem química, para que se possa fazer o manejo da cultura bem como o controle de pragas que possam vir a atacar a plantação. Outro fator importante é que os

mesmos não agregam valor, tanto ao produto ao qual estão produzindo quanto ao trabalho ao qual estão empregando. A partir da leitura que realiza Aron (2008) ao conceito de alienação de Karl Marx, podemos descrever que os mesmos estão apenas sendo alienados, uma vez que os agricultores deixam de lado diversos de seus fatores culturais e sociais em prol de continuar a trabalhar achando que esta vida é a sua rotina normal.

### 3.2 DAS FORMAS DE PRODUÇÃO

A partir de um entendimento sobre a agricultura familiar e sua devida separação, principalmente no que tange à forma de produzir, podemos fazer a distinção das formas de produção que são praticadas pelos tipos de agricultura familiar. Com isso é importante salientar que, em um processo de transição de uma monocultura, como a do tabaco, para a agricultura familiar de base agroecológica, essa mudança na forma de produzir é essencial, pois a família terá que passar por uma mudança no estilo de vida dos mesmos. Com isso, é possível identificar, segundo Ploeg (2009), que existem dois tipos de formas de produzir que prevalecem na agricultura familiar, que seria a forma de produção empresarial, da qual se volta para a versatilidade, na produção em escala e na grande dependência tecnológica. E, do outro lado, temos a forma de produzir camponesa, da qual preza pelo saber local, pela agregação de valor, tanto no trabalho quanto no produto e prezando pela criação de laços afetivos entre as pessoas. Fazer uma transição entre estas duas formas de produzir é muito difícil, pois há muitos entraves, que além disso passa por uma mudança de cotidiano dos indivíduos envolvidos, no qual podemos descrever como uma quebra de paradigmas.

#### 3.2.1 Forma de Produção Empresarial

A produção de tabaco está muito atrelada à produção em larga escala. Com isso, é possível observar que a cultura do tabaco hoje pratica a forma de produção empresarial, do qual se destaca ser uma forma de produção altamente tecnológico, uma vez que utiliza das mais altas tecnologias para a produção em escala.

Sua principal característica é a sua diversificação em países de terceiro mundo, ao qual se aplica com êxito. Esta forma de produção tem se tornado uma forma eficaz de produzir. Possui um afastamento muito grande da natureza uma vez que é altamente dependente de tecnologias, o que inclui insumos de origem química para fertilização das lavouras e controle de pragas. Mas a forma de produção empresarial é extremamente maleável, uma vez que em momentos de grandes crises, é possível que o mesmo adote práticas de produção camponesas como a co-produção e a base de recursos. Uma vez que este sistema se agrega ao capital, o mesmo não possui um olhar para o agricultor uma vez que o interesse central é em atender as demandas e a produção em escala, ou seja redução de custos versus aumento da produção. Segundo Ploeg (2009), uma das grandes evoluções da forma de produção industrial é a absorção de conhecimento e técnicas que estão a sua volta para uma maior adaptabilidade ao ambiente hostil, ou seja mesmo que na forma de produção camponesa se aplique uma coprodução, ela será, de alguma maneira observada e estudada para uma adaptabilidade para a forma de produção empresarial. Isso propicia uma forma de produzir, que à primeira vista parece bem mais lucrativa porém, ela se mostra finita com o passar do tempo, pois a mesma não leva em consideração a sua base de recursos, com isso a um esgotamento de técnicas e de recursos.

Esta forma de produção se mostra de maneira hierárquica na maneira de gerir, ou seja para as famílias que praticam a cultura do tabaco, já que os guias de produção vem pré-estabelecidos pelas empresas fumageiras. Aquilo é corroborado por Faria (2009) ao descrever as empresas, para ele existe uma dualidade entre agentes, neste caso seria entre os produtores de tabaco e as empresas fumageiras. Uma vez que se estabelece entre eles uma relação assimétrica entre ambos, na forma de uma pirâmide, onde é possível ver que as famílias produtoras de tabaco são reduzidas a meros subordinados, colocando-os na posição de meros proletários. E, também colocamos o trabalho dos agricultores em situação de mercadoria, uma vez que todo o trabalho empregado nas plantações de tabaco é quantificado em um único valor a ser recebido no final da safra. Seguindo o pensamento de Karl Marx, Aron (2008, p.212) comenta que:

Marx acrescenta que, o valor só pode ser, nesse caso, o que ele é, em todos os casos, isto é o valor medido em pela quantidade de

trabalho. É preciso admitir que é a quantidade de trabalho que vai medir o valor da sua força de trabalho e das mercadorias de que o operário necessita para sobreviver, ele e sua família. (ARON 2008, p. 212)

E, esse pensamento corrobora com que as famílias que praticam a monocultura do tabaco são, de certa forma, trabalhadoras assalariadas, mesmo não tendo um salário mensal, os mesmos ficam restritos a renda anual/safra, e também recebem somente pela força de trabalho aplicada na lavoura, sendo que as relações que se criam entre produtores e empresa é uma relação de patrão e empregado.

Outro grande ponto desta forma de produzir é a sua conexão com a natureza e uma “artificialização” da produção, tanto de sementes quanto da tentativa de artificialização da própria terra. Segundo Ploeg (2009), esta forma de produção enfrenta diversas crises, tanto em âmbito natural quanto no âmbito econômico, uma vez que a mesma é altamente dependente das altas tecnologias e das inovações da ciência, sem essas inovações ela se torna muito suscetível a interferências climáticas e também econômicas, uma vez que dependem dos insumos de origem química para manter e controlar as plantações e esses insumos são regulados pelo mercado externo. Mas também, com o fator de produção em escala, se faz necessária uma alta modificação do ambiente ao qual está situada a lavoura, pensando no aumento da produção em escala (diminuição do custeio *versus* aumento da produtividade). Isso causa uma modificação do meio ambiente ao qual a família está alocada, pois precisa de quantidades cada vez maiores de terras para a produção.

### **3.2.2 Forma de Produção Camponesa**

A forma de produção camponesa se mostra como uma contraparte da forma de produção empresarial, uma vez que a mesma se mostra de maneira muito mais humanizada. Voltada para princípios aos quais busca valorizar o trabalho e as relações, tanto sociais que são construídas no trabalho, quanto às relações entre homem e natureza respeitando suas limitações e seu tempo.

A primeira grande distinção que deve ser feita é que na forma de produção camponesa existe a aplicação de uma coprodução e, a partir dela, a alimentação de uma base de recursos. Ploeg (2009) descreve que a base de recursos é fundamental, uma vez que a mesma é limitada e através da coprodução é possível

fazer uma manutenção de longo prazo da mesma, observando que a reprodução da base de recursos vai depender das necessidades da família. Com isso, observamos que é através desta base de recursos que os agricultores familiares buscam sua autonomia, ainda segundo Ploeg (2009), também é possível, através de uma base de recursos autocontrolada, conseguir diminuir a dependência do mercado externo, principalmente do mercado de insumos. Assim, é colocado que os agricultores ganham uma maior autonomia perante as incertezas como é descrito a seguir:

Assim a relativa escassez de recursos disponíveis faz com que a chamada “eficiência técnica” e a mudança técnica não-material tornem-se centrais: no forma de produção camponês, os produtores precisam obter o maior resultado possível com uma dada quantidade de recursos - e sem que haja uma deterioração da qualidade dos produtos. (PLOEG 2009, p.25)

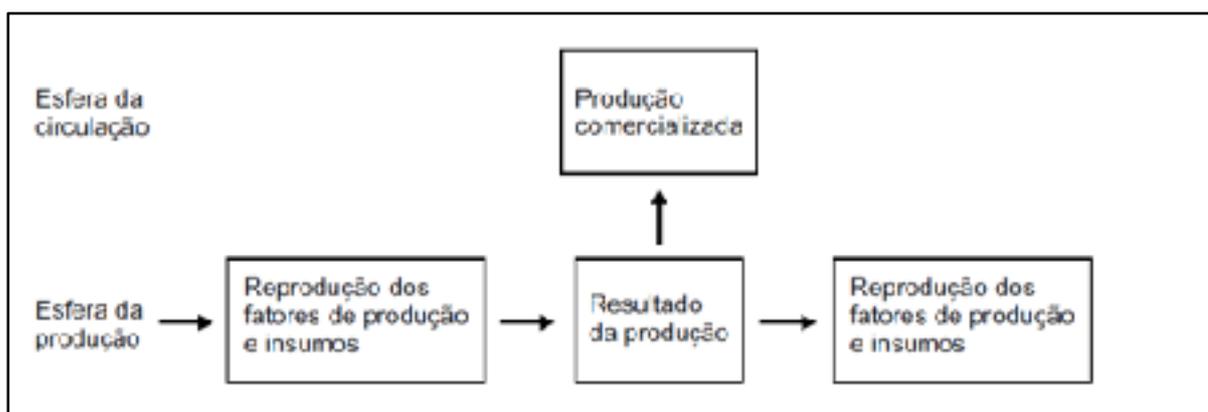
Outra característica muito importante da forma de produção camponesa está na qualidade da produção e dos vínculos formados para a formação da base de recursos. Isso porque, segundo Ploeg (2009), o trabalho será abundante porém, existe sempre uma escassez de recursos (água, terra, plantas, etc.), uma vez que deverá ser feita a combinação da coprodução com a base de recursos, ou seja, a combinação trabalho mais natureza deve ser constante para que o ciclo se mantenha e preserve a autonomia familiar o máximo possível do mercado externo, principalmente no que tange ao mercado de insumos químicos.

Mas não podemos esquecer que a base de recursos não é composta apenas por meios materiais, ela também é composta pelas inter-relações que são desenvolvidas ao longo do processo de produção dos produtos dentro da propriedade. Segundo Mendes (2009), na agricultura familiar de base camponesa não é apenas os produtos que são produzidos, é onde se produz gente. Com isso, podemos entender que na forma camponesa de produção é constituída dentro da base de recursos, inter-relações que não são separadas dos demais elementos que compõem a mesma, como os vários tipos de trabalho (manual e intelectual), fazendo com que todos os recursos que estão alocados naquele esforço coletivo pertençam a todos os indivíduos, e isso cria um senso de pertencimento coletivo, como uma grande família. As regras que controlam este complexo sistema são baseadas, em suma, nas tradições culturais e regionais locais. Assim, Ploeg (2009) descreve que os repertórios culturais e locais possuem grande papel de influência nas famílias

muito derivada da ancestralidade ao qual são construídas as fundições culturais da agricultura familiar.

Uma característica marcante da forma de produção camponesa é relacionada à centralidade do trabalho nas propriedades agrícolas, possuindo diversos níveis de intensidade. Ploeg (2009) descreve que este fator depende da capacidade de desenvolvimento das famílias em seu interior e isso, implica em avanços tecnológicos nas propriedades (compra de maquinários), aprendizado técnico dos membros da família, construções de mais prédios na propriedade e etc. A figura abaixo demonstra um esquema de funcionamento da reprodução autônoma descrita por Ploeg (2009, p.27):

Figura 1: Esquema de reprodução relativamente autônoma e historicamente garantida



Fonte: Ploeg (2009, p.27).

É possível observar na imagem que a forma de produção camponesa se baseia em um processo quase livre do mercado externo, do qual se usa a produção excedente do ciclo anterior na produção do novo ciclo, caracterizando assim uma produção de ciclo sobre ciclo. É nesse fator que é reproduzidos valores e vínculos entre as pessoas, uma vez que, segundo Ploeg (2009) é onde há o compartilhamento dos instrumentos de trabalho bem como também há a troca de saberes primordiais na formação de redes entre os agricultores familiares, pois os mesmos, a partir destas redes, conseguem agregar e criar valores, tanto sobre o trabalho, quanto sobre os produtos que estão sendo produzidos.

Uma das grandes diferenças entre a forma de produção camponesa e a forma de produção empresarial é a redução no uso de mão de obra empregada no campo,

consequentemente, no trabalho. Segundo Ploeg (2009), isso não seria possível, pois na forma de produção camponesa, a mesma sempre busca novas formas de melhorar as formas de agregar valor tanto ao trabalho quanto à produção. Isso gera um processo de “emancipação dos agricultores”, que segundo Ploeg (2009) justamente vai depender da agregação de valor de cada agricultor familiar. Esse processo pode se demonstrar lento, porém persistente, pois a diminuição das externalizações vai depender do aumento corrente da base de recursos.

### 3.3 CERTIFICAÇÃO PARTICIPATIVA

Já é visto que uma mudança na forma de produção empregada pelos agricultores familiares pode trazer diversos benefícios tanto para a família quanto para a sociedade como um todo. Para isso, é preciso que as famílias agricultoras que realmente pretendem fazer o processo de transição, compreendam que este processo é uma mudança, não só na forma como produzem, mas também na maneira como vivem. A certificação participativa é uma ferramenta que pode ser empregada para dar maior visibilidade e inclusão a estes agricultores familiares no mercado, porém possui diversas etapas a serem seguidas. Ela também apresenta uma série de etapas que variam entre as regras formalizadas e as regras ajustadas pelo coletivo. Nesta seção serão mencionadas aquelas que são geralmente apropriadas pelo grupo e o caso apresentado na pesquisa de Radomsky (2015) é um bom exemplo dessa adequação.

Segundo Radomsky (2015), que realizou uma pesquisa com o grupo de agricultores ecológicos em Chapecó-SC, para que uma certificação seja formalmente dada é preciso que os agricultores estejam dispostos a realmente “se converter”. Os agricultores têm manifestado nessa pesquisa que a agroecologia não é reduzida à produção senão a optar por um estilo de vida diferente ao qual estavam vivendo. O processo de certificação implica participar das reuniões do grupo local. A partir daí, a família começa a ter contato com as reuniões do grupo local, e começam com o processo de transição em si, do qual a família fica dois anos neste processo para a recuperação da degradação do solo. Nestas reuniões é explicado o funcionamento da rede, bem como a família se propõe a fazer um pequeno mapa da

propriedade, a mão, e também preenchendo um cadastro do qual os agricultores descrevem a propriedade em detalhes.

Após estas etapas, um agrônomo deve acompanhar a propriedade, fazendo visitas, e logo após confeccionar um laudo. Segundo Radomsky (2015), o acompanhamento nas propriedades também é feito por pessoas que não estão ligadas aos órgãos governamentais, para que se possa manter uma linha de avaliação mais justa. Após isto, a pessoa que é o coordenador local encaminha o pedido da família para o comitê de ética, do qual é realizada uma visita na propriedade da família, dos quais pode sugerir modificações e melhorias a serem feitas na forma de produzir da propriedade caso necessário.

Por último, são emitidos pareceres, dos quais, são pareceres individuais, elaborados a partir das visitas realizadas na propriedade, que são encaminhados para a coordenadoria regional, não havendo mais necessidade de inspeções, a menos que haja dúvidas quanto a idoneidade. Nestes casos, segundo Radomsky (2015), quando há esta desconfiança, uma outra comissão é designada para poder retornar a propriedade e assim proceder com uma nova avaliação. Mas quando não há empecilhos, a coordenadoria regional admite a família e esta passam a usar o selo.

Contudo, segundo o mesmo autor, a certificação é feita apenas a uma parte da propriedade. A família fica responsável de propor de maneira gradativa a ampliação da área certificada até que toda a mesma esteja com a certificação. A certificação é gratuita, o único “custo” que os agricultores têm seria de se deslocarem e o do tempo gasto para participarem das reuniões. Nisso, uma das principais características da certificação participativa é que os próprios agricultores fazem as visitas nas propriedades um do outro, mantendo uma espécie de controle comunitário.

Um ponto fundamental que a certificação participativa proporciona aos agricultores é a de um acompanhamento contínuo. Este acompanhamento proporciona as famílias uma espécie de confiabilidade, já que os agricultores começam a ver resultado no esforço empregado, acreditando que será retribuído todo o esforço, tanto para agricultores familiares quanto para os consumidores. As reuniões entre o grupo de agricultores ocorrem a cada dois meses para fazer visitas as propriedades e discutir assuntos referentes a mesma. Segundo Radomsky

(2015), estas reuniões de discussão nas propriedades certificadas servem como um local de comunhão de ideias e troca de conhecimentos diversos. Desta forma, podemos observar que a certificação participativa proporciona uma forma de racionalidade política entre os indivíduos que estão inseridos dentro da dinâmica da certificação. Uma vez que a partir destes espaços, os agricultores podem expressar sua criatividade bem como poder opinar sobre divergências que podem vir a ocorrer e soluções para as mesmas. A racionalidade política, ao qual se pratica durante as reuniões para a certificação, bem como nas reuniões da própria rede, é uma racionalidade a qual se cria durante o dia-a-dia de trabalho. Segundo Sato (2007) esta racionalidade política seria o pensamento crítico criado durante a realização das tarefas diárias. Ou seja, durante as reuniões, bem como durante o trabalho conjunto, desenvolvem-se reflexões que, ao longo do tempo, fazem com que os mesmos critiquem a realidade ao qual estão sendo submetidos. Bem como dentro desta racionalidade se cria um espaço amplo para o desenvolvimento da criatividade humana, bem como o pensamento coletivo.

A certificação se mostra como uma ferramenta mais eficiente de aproximação e interação entre agricultores e agrônomos e/ou agentes de auxílio na produção. O que é observado por Radomsky (2015) é que os agrônomos e agentes de apoio estão sempre observando os diálogos entre os agricultores e com isso, a fim de melhor auxiliá-los por soluções em problemas que envolvam a propriedade. Mas nunca interferindo nas discussões dos mesmos. Uma vez que as decisões que envolvem o cotidiano do campo bem como a forma de produção aplicada na propriedade, assim como as sanções que serão aplicadas aos membros que descumprirem alguma regra, ficam a cargo dos próprios produtores.

Mas as certificações possuem alguns problemas, que muitas das vezes podem diminuir a sua eficácia, visto que estes problemas, em muitos dos casos, não são identificados pelos próprios agricultores. O primeiro problema está na avaliação do “conselho de ética”. Segundo Radomsky (2015), estes conselhos de ética são vistos apenas como um observador externo, sendo assim, o mesmo é composto por diversos membros, sendo eles agricultores, consumidores e outros. E isto se torna um problema pois a mesma, segundo o autor, quando composta por agentes externos este raramente faz visitas, impactando diretamente no processo de confiança dos agricultores no poder da certificação. O segundo problema está

atrelado ao tempo para a certificação de propriedades que estão em processo de transição. Segundo Radomsky (2015), não existe um prazo específico para que a comissão de ética visite as novas propriedades que pretendem aderir a certificação. Sendo assim, se instala uma falta de senso de pertencimento aos novos agricultores. O terceiro problema está vinculado às pessoas que estão indecisas e em como se deve proceder com as mesmas. Radomsky (2015) descreve que existe um trâmite burocrático para esta ocasião, mas que, em muitos dos casos os próprios agricultores que compõe a certificação não sabem como proceder para com estes agricultores. Ou seja, os agricultores não sabem como proceder nos diálogos com outros agricultores que estão indecisos quanto a certificação.

Há um quarto problema. Como é colocado por Radomsky (2015), a certificação é verificada por agentes externos (consumidores) os quais começam, mas aos poucos a participarem cada vez menos das reuniões, colocando que a certificação deve partir também não só daqueles que produzem. Isso nos mostra que a certificação participativa é uma proposição feita para além dos agricultores, visto que a participação dos consumidores é de suma importância para que as relações se desenvolvam e que o circuito se mantenha constante.

### 3.4 ESTILOS DE COMERCIALIZAÇÃO

No Brasil, é possível ver que a agricultura familiar tem buscado cada vez mais espaço no mercado. Neste sentido, podemos observar que a mesma tem se adequadado à dinâmica de mercado, sendo uma destas dinâmicas o caso dos circuitos curtos de comercialização. Mendes (2009) pontua que os circuitos curtos funcionam como formas ancestrais e dinâmicas, ainda presentes nos tempos atuais. Dentre os quais, a autora destaca as feiras livres, como espaço de encurtamento de distâncias entre produtores e consumidores, o que promove uma maior facilidade no acesso a alimentos de qualidade em espaço urbano, como também gera renda a estas famílias. Ainda, segundo Mendes (2009), estes espaços de comercialização também servem como pontos de trocas sociais e culturais, servindo como uma ferramenta de criação de laços entre as pessoas.

Por isso, da importância dos circuitos curtos de comercialização, pois os mesmos tornam-se mais fortes com o passar do tempo. Ainda, segundo Silva e

Deon (2015), passa por um conjunto de estruturas e interações sociais, que por si só, revelam as diversas particularidades que cada cultura e local possui, mostrando que a partir das diferenças, é que ocorre um processo de conhecimento mútuo, permitindo que os processos de comunicação e de confiança permutam.

Os circuitos curtos também têm se mostrado como uma grande ferramenta de fomento e geração de renda. Segundo Mendes (2009), os circuitos curtos, principalmente no que tange às feiras-livres são uma atividade essencial para o desenvolvimento, tanto social quanto econômico do País. Se mostrando como um grande fator de geração de emprego e renda, assim, permitindo com que as famílias permaneçam no campo. Isso nos mostra que esse novo arranjo econômico a partir da agricultura familiar torna possível que as famílias possam ficar e praticar a agricultura em suas terras, não deixando perder conhecimentos, que para muitos já foram perdidos. Assim, também é possível ver que se construa uma identidade coletiva a partir das feiras-livres. Froehlich (2015) explica essa construção de identidade que se dá através de um resgate de uma memória coletiva que há muito foi perdida, a qual é recuperada em uma convivência cotidiana comum. Durante o processo de comercialização, há um contato direto com aquele cliente e é possível que valores que antes não estavam presentes se façam, fazendo com que aquelas compras passem a ter significados além de uma simples mercadoria.

Esses significados são muito visíveis, uma vez que passam através da relação entre os agricultores, que estão vendendo seus produtos na feira, e os consumidores, dos quais estão comprando e muitas das vezes consumindo os produtos, criando também sentimentos.

Assim, Radomsky (2015) explica que durante estes processos de socialização, é possível criar um sentimento de comunidade, tornando assim todos pertencentes a uma mesma identidade, mesmo que haja diferenças entre essas pessoas. Isso acaba por colocar que mesmo os consumidores possuindo diferenças ideais com os agricultores que ali estão comercializando, durante o cotidiano, conseguem estar em comunidade criando significados comuns com os agricultores.

Dentro deste conceito de comunidade criado pelos circuitos curtos de comercialização, em especial as feiras livres, um dos principais pontos dos quais é a maneira diferenciada de venda de seus produtos e a aquisição dos produtos de terceiros. Isto é mencionado por Mendes (2009) no qual se baseia em combinar

elementos em que se produz em combinação com a natureza de maneira em que possa se criar uma auto produção, passando assim a depender cada vez menos de produtos de terceiros. Assim, a produção é dirigida para as necessidades familiares e os excedentes são direcionados à venda. Também, incluindo, segundo Mendes (2009), o sistema de trocas que consiste em trocar produtos que estão em maior quantidade por produtos de necessidade que a família não possui, trabalhando assim os laços e vínculos de dádiva e reciprocidade entre as famílias.

Aqui, podemos ver que os alimentos se tornam muito mais do que simples mercadorias, passando a possuir trocas de significados entre os agentes envolvidos no processo de comercialização, no caso agricultores familiares e consumidores que frequentam a feira livre. Neste caso, Radomsky (2015) explica, a partir da sua pesquisa, que a dádiva nas feiras livres pode se dar através do alimento em si. De maneira em que o alimento que está sendo vendido é livre de insumos de origem química, e isso confere saúde às pessoas que as consomem. Desta forma podemos compreender ainda, segundo Radomsky (2015), de que a dádiva está na saúde que os alimentos orgânicos nos conferem, além disso carregando todos os valores e relações por trás dos processos envolvidos, criando assim uma conscientização por parte consumidores, que assim passam a se conscientizar sobre suas escolhas, e que as mesmas possuem consequências.

Uma vez que dentro dos circuitos curtos haja uma forma eficaz de se fazer uma inclusão mais justa para os agricultores familiares, ainda há a questão da visibilidade dos produtos que estão alocados na feira. Com isso, a pesquisa de Radomsky (2015) mostra que os agricultores, a partir de reuniões prévias, podem se organizar de maneira que as pessoas "se movimentam" mais, ao invés de um mercado convencional onde os produtos estão praticamente nas mãos dos consumidores. Este movimento faz com que, segundo Radomsky (2015), se crie um ambiente propício para o desenvolvimento de diversas formas de relacionamento, uma vez que, é a partir deste cotidiano de convivências que se transformam as ideias. Sendo assim, essa convivência entre diversos tipos de consumidores, incluindo os que não consomem produtos oriundos da agricultura familiar, é que se transformam os comportamentos.

Corroborando com este conceito de movimento, Silva e Deon (2015) nos colocam que estes movimentos propiciam um processo de valorização das relações

de proximidade, uma vez que haja a circulação de um bem material, que são os produtos. Mas também estão incluídos neles diversos dos valores que são dos próprios agricultores e também do território ao qual eles estão alocados. Também entrando na organização, podemos observar traços que remetem os sentimentos dos agricultores. Segundo Froehlich (2015), é possível que os agricultores familiares criem nas feiras um cenário que remete a tempos e significados ancestrais, que no presente trabalha diretamente com a mente do consumidor. Este cenário faz com que os agricultores coloquem os seus significados e sentimentos de tempos ancestrais nos produtos, assim que os consumidores passam a dialogar e consumir estes produtos passam a carregar consigo um pouco destes mesmos sentimentos e significados.

Este convívio diário de trocas que os circuitos curtos proporcionam é um ambiente muito caloroso para o desenvolvimento de ideias voltadas para a construção de organizações de trabalho coletivas. Segundo Silva e Deon (2015), as feiras servem como um espaço de diálogo político, contribuindo fortemente para a formação do pensamento coletivo. Isso porque, durante o trabalho diário, as pessoas passam a conversar e confrontar mais as ideias e assim, chegam a objetivos comuns, o que é muito visto em organizações de trabalho coletivo. Ainda, segundo Silva e Deon (2015), é a partir da construção destas organizações de trabalho coletivo, que os agricultores familiares começam a ganhar um maior poder de negociação, principalmente perante a órgãos públicos.

Os circuitos curtos de comercialização também mostram uma face de luta dos agricultores familiares perante a abertura da agricultura para o capitalismo. Se mostrando uma maneira eficiente de fazer frente ao processo de mercantilização da agricultura, da qual é descrito por Niederle et al. (2014) em que diversas formas sociais as quais não são superadas e/ou eliminadas com o avanço incontrolado da divisão do trabalho, bem como dos processos históricos de industrialização se reúnem criando um novo estilo de comercialização. Desta forma, se faz necessário um olhar mais atento quando se olha para as formas de comercialização que envolvem a agricultura familiar. Com isso, os circuitos curtos podem ser vistos como uma resposta direta que os agricultores familiares desenvolvem um sistema altamente desigual. Assim, podemos ver que os circuitos curtos também modificam

não só como são comercializados os produtos oriundos da agricultura familiar, mas também a maneira como os mesmos vivem. No que descreve Niederle et al. (2014):

É verdade que, a medida que a organização do trabalho e da produção na agricultura passa a ser submetida a um conjunto variado de pressões sociais e econômicas externas, ocorre um processo de transformação que, gradativamente, compromete várias das características não capitalistas das formas sociais presentes no meio rural, o que, por sua vez, afeta aspectos da cultura e da sociabilidade dos grupos sociais, ocasionando “metamorfoses” no próprio modo de vida dos agricultores. Niederle et al. (2014, p.210)

Com isso, é possível ver que o processo de mercantilização impacta diretamente a vida dos agricultores familiares, do qual os mesmos também apresentam suas ferramentas de reação para este processo. Este processo de separação das formas de mercado por parte dos agricultores, também é descrito por Niederle et al. (2014). Este processo de separação das formas de comercialização e mercado faz com que diminua cada vez mais a distância entre campesinato e agricultura familiar como categoria social, porém faz uma distinção entre tipos de agricultura familiar baseadas em sua orientação para o mercado.

### 3.5 DAS FEIRAS

As feiras livres existem desde as civilizações mais antigas, sendo um importante instrumento de distribuição de alimentos para a sociedade. Coutinho et al. (2006) descrevem as feiras como sendo um pequeno universo paralelo, onde acontecem diversos eventos socioeconômicos importantes para o desenvolvimento da sociedade. Sendo assim, é possível observar que as feiras livres são constituídas de espaços onde uma ampla gama de relações são construídas, sendo elas no ambiente social e econômico. Ainda Coutinho et al. (2006) pontuam que as feiras possuem um importante papel no desenvolvimento local principalmente quando olharmos para municípios de menor porte. Pois, através das feiras livres é que as pequenas agroindústrias familiares se desenvolvem, fazendo com que o capital circule dentro da própria localidade.

Hoje em dia, as feiras livres ainda têm resistido aos grandes avanços do mercado contemporâneo, porém já se nota uma grande competição entre os agricultores que comercializam na feira e o mercado varejista convencional. Um dos efeitos possíveis é a abertura do mercado e a globalização. Wilkinson (2023) explica

que a globalização e as grandes inovações tecnológicas forçam os produtores e comerciantes a se reinventarem frente as novas mudanças, uma vez que estão frente a um novo movimento alimentar. Com a globalização e a abertura do mercado, associado ao processo de mercantilização ao qual os agricultores familiares vêm sofrendo, há grande desvantagem perante ao mercado convencional. Segundo Gazolla (2009), os agricultores familiares vêm sofrendo um processo cada vez maior de mercantilização, ao qual os produtores são obrigados a vender produtos ao capital, sem a remuneração justa mas também tendo que vender seu conhecimento. Isso cria um processo de vulnerabilização destes agricultores aos quais muitas vezes também comercializam nas feiras.

Nesse ponto, as feiras têm se mostrado de grande importância para a comercialização de produtos aos quais os produtores locais possuiriam muita dificuldade para comercializar no mercado convencional. Com isso, segundo Coutinho *et al.* (2006), as feiras livres trazem benefícios múltiplos para ambos os lados, de um lado agricultores familiares que eventualmente não conseguiriam comercializar sua produção conseguem realizar o mesmo. E dos outros, consumidores conseguem ter acesso a alimentos de qualidade garantida, produzidos de maneira saudável e dinâmica. Assim, é possível ver que as feiras livres se tornam espaços de trocas importantes entre os agricultores e consumidores, onde as diversas relações entre ambos se misturam. Como é descrito por Sato (2007), as relações de trabalho e pessoais se misturam com as amizades da vizinhança, cria-se um ambiente propício para desenvolvimento de novas relações. Isso deixa claro que as teias de relações extrapolam os limites da feira, criando um ambiente propício para que se desenvolva uma racionalidade política. Pois, com o espaço das feiras livres é possível desenvolver diálogos críticos a respeito da realidade ao qual os agentes estão inseridos. Segundo Sato (2007), é dentro do espaço das feiras em que ocorre muitas das resoluções dos problemas que ali existem, pois ali ocorrem diversos desentendimentos e acordos, e graças a isso que a dinâmica do grupo ocorre.

Nas feiras livres é possível encontrar uma gama de produtos diversificados e com um preço, muitas vezes mais baixo do que no mercado convencional. Segundo Coutinho *et al.* (2006), as feiras livres são um espaço amplamente democrático em questão de variedade de alimentos, uma vez que a mesma é composta por diversos

agricultores, o que possibilita a pessoas com menor poder de compra adquirir produtos saudáveis. Os trabalhos citados mostram que as feiras livres funcionam como um espaço democrático de compras, proporcionando a pessoas com menor poder aquisitivo a possibilidade de adquirir alimentos saudáveis e de qualidade. Ainda, segundo Coutinho et al. (2006), os preços mais baixos da feira permitem que os agricultores possam concorrer com os mercados convencionais o que aumenta a circulação de capital dentro da própria localidade.

Mas as feiras livres enfrentam diversas dificuldades, principalmente no que tange a organização e a forma como as mercadorias são vendidas e controladas. Desta forma, Coutinho et al. (2006) descrevem que um dos principais problemas vividos pelas feiras livre é no quesito organização e higiene, sendo que muitos destes problemas têm haver com a falta de acompanhamento as inovações e a legislação vigente. Com tudo, no que tange a organização, Sato (2007) coloca que as feiras possuem uma maneira peculiar de se organizar, vendo que dentro de sua “bagunça organizativa” se encontram suas diversas formas próprias de organização, não dependendo de regras pré-estabelecidas, se organizando de maneira autónoma. Com isso, é possível perceber que mesmo dentro de uma organização que pode não ser vista como hierarquizada, podemos observar que nas feiras livres existe um tipo de organização autónoma criadas pelos próprios feirantes. Essa organização se dá a partir de uma racionalidade cotidiana, ao qual os feirantes através de conversas diárias buscam se adaptar da melhor forma possível. Mas esse ponto coloca as duas autoras em desacordo, uma vez que nas feiras livres mesmo que possam parecer desorganizadas, na verdade eles possuem sua própria organização, a partir de suas vivências e convivências.

Visto que a organização é uma das dificuldades encontradas pelas feiras livres, outra grande dificuldade é a remuneração obtida pelos feirantes, principalmente pelos agricultores familiares. Segundo Coutinho et al. (2006), muitos dos feirantes possuem uma renda defasada, visto que os produtos que são vendidos na mesma possuem preço abaixo do preço de mercado, e também pelo alto custo para produzir diversos dos produtos. Um dos principais fatores desta baixa remuneração pode ser explicado pela mercantilização, e pela apropriação e substituição de produtos de origem agrícola por derivados de origem industrial. Segundo Wilkinson (2023), as feiras livres também servem como um contraponto a

este sistema de apropriação dos saberes rurais e a substituição por produtos de origem industrial sendo um similar aos produtos agrícolas. Com isso, produtos com a aparência de produtos de origem agrícola, porém de origem industrial são colocados no mercado com preços menores o que torna mais atraente para as pessoas. Porém, os agricultores ecológicos se reinventam cada vez mais, mostrando que as feiras são um ponto de desenvolvimento cultural e histórico. Coutinho et al. (2006) colocam que as feiras livres historicamente servem como ponto de difusão cultural e histórico, também servindo como base de criação para movimentos sociais. Mostra-se que as feiras livres influenciam diretamente a formação de movimentos sociais, servindo como base, durante discussões no cotidiano.

Ainda sobre o sistema de vendas e recebimentos, Coutinho et al. (2006) alegam que nas feiras livres, geralmente os produtores não se utilizam de ferramentas tecnológicas, bem como balanças e ou máquinas para pagamento instantâneo, sendo um grande gerador de prejuízo ao consumidor. Isso nos coloca que as feiras livres têm mantido as tradições ancestrais, e uma forte resistência as inovações de cunho tecnológico.

Uma das grandes batalhas enfrentadas pelas feiras livres é a falta de políticas públicas que possam melhorar a situação dos produtores na mesma. Segundo Coutinho et al. (2006), as feiras livres operam, quase sempre sem qualquer apoio de políticas públicas, sendo que mesmo que a feira contemple a agricultura familiar, os mesmos sempre são deixados de fora dos programas públicos. Esta falta de programas públicos que poderiam auxiliar os feirantes, causa um impacto na prática da feira uma vez que os mesmos sofrem com a falta de condições para a prática da mesma. Coutinho et al. (2006) também pontuam que a falta de políticas públicas, bem como a resistência pelas inovações e a alta inovação do mercado convencional têm diminuído o número de consumidores bem como o número de feirantes que disponibilizam seus produtos. Isso mostra que a globalização, que acarreta em uma dinamização maior do mercado com a aplicação de altas tecnologias e uma abertura maior do mercado implica diretamente nos preços.

#### 4. ANÁLISE DAS EXPERIÊNCIAS COMPARTILHADAS PELOS AGRICULTORES FAMILIARES DE BASE ECOLÓGICA

Foi realizada uma pesquisa de campo, afim de aferir os conceitos trabalhados no referencial teórico. Dos quais, os primeiros a serem entrevistados foram da família "K", do qual participaram o Sr. "D" e a Sra. "S", no dia 28 de setembro. Ambos possuem 50 anos respectivamente, sendo residentes da localidade de Campos Quevedos, interior de São Lourenço do Sul. Para fins de deslocamento foi utilizada uma viatura da FURG. Nesta entrevista também participou a professora orientadora. Após a realização da entrevista, foi realizado um recorrido pela propriedade, na qual o casal explicou e mostrou todo o funcionamento da propriedade, também foi mostrado como é realizado o cultivo de orgânicos nas estufas, bem como os estragos realizados pelo ciclone.

Logo, no dia 05 de outubro, foi entrevistada a família "M", composta pelo Sr. "R" e seu filho "L", dos quais possuem, o pai 74 anos e o filho 43 anos de idade respectivamente, sendo residentes da localidade de Butiá, interior de São Lourenço do Sul. O transporte foi realizado de maneira particular. Durante a realização da entrevista, os mesmos mostraram a diversidade de produtos *in natura* que os mesmos possuíam estocados, o que incluía uma espécie de batata roxa, não sendo nativa do Brasil. Após a entrevista, realizamos um passeio pela propriedade, do qual foram mostrados os diversos maquinários que são utilizados principalmente na produção de farinha de milho orgânica. Também, visitamos as lavouras da propriedade, com uma variedade considerável de culturas, como lavouras de diferentes tipos de batata, de milho, até um experimento com tabaco orgânico.

No dia 19 de outubro, foi realizada a visita a propriedade da terceira família entrevistada, a família "S", do qual participou somente a Sra "I", que possui 59 anos de idade, residente em Quevedos, interior de São Lourenço do Sul. Foi difícil acertar o dia, foi reagendada quatro vezes. O transporte até a localidade foi realizado de maneira particular. A entrevistada também mostrou a sua propriedade após a entrevista, do qual destacou que produzia uma grande quantidade e variedade de orgânicos, sendo que as estufas de produção ficavam mais para o fundo da propriedade. Ela comentou que durante a seca extrema do ano anterior não houve falta de água na propriedade, sendo que ela é muito beneficiada pelo recurso. Ela agregou que os vizinhos da região buscavam o recurso na sua propriedade. Hoje em

dia, ela não cultiva mais muitos orgânicos, apenas uma pequena horta, ela foca mais na produção de pães e cucas, dos quais são comercializados na banca compartilhada com mais oito produtores, do qual a mesma ocupa a posição de líder. A mesma, junto com o coletivo, também entrega produtos para o Programa Nacional da Alimentação Escolar (PNAE), destacando que o programa também é uma ótima forma de complementar a renda dos indivíduos que compõem o coletivo de vendas.

Por último, no dia 23 de outubro de 2023, foi aplicado o roteiro de perguntas abertas à família "R", do qual participaram o Sr. "R.R" e a Sra. "A.R", dos quais possuem, o Sr. "R.R", 54 anos e, a Sra. "A.R", 57 anos de idade respectivamente. Os mesmos residem na propriedade há 35 anos e cultivaram o tabaco a vida inteira, sendo que nos últimos 7 anos, estão cultivando somente orgânicos, não cultivando mais o tabaco. Logo, após a entrevista, foi feita uma visita a propriedade. Aqui ocorreu algo inesperado. O casal fez uma crítica sobre os aliados do município, principalmente no que se refere à imposição de saberes. Acho importante tornar visível este comentário neste trabalho como forma de refletir sobre as relações já que a produção de conhecimento parte de tomar a sério e o respeito pelo conhecimento do outro.

Durante a visita à propriedade, podemos ver claramente as consequências dos ciclones que arrasaram a região, os quais destruíram as estufas de cultivo de leguminosas do casal. O mesmo mostrou que as lonas que cobriam as estufas de cultivo foram todas arrancadas, e as mesmas foram todas destruídas. A próxima produção está comprometida, uma vez que as estufas não possuem cobertura para luz do sol. Também visitamos as diversas lavouras já prontas, como as lavouras de batata doce e de mandioca, assim também visitamos uma plantação de cenouras, e também de pepinos, uns mais para o ponto de colheita e outros. Mais no começo da brotação. Também durante a visita, o Sr. "R.R" fez questão de mostrar a vasta criação, que consistia em galinhas e patos. Os mesmos salientaram que fazem a feira por amor e por gostarem daquilo que estão fazendo, uma vez que estão levando saúde para as pessoas. Mas, pela falta de auxílio das entidades de representação, bem como das cooperativas de crédito, eles pensaram muitas vezes em desistir de produzir orgânicos. Colocando também que na hora de fazerem cobranças e de se impor sobre os mesmos, aí as entidades estão presentes, mas

quando precisam de auxílio para um projeto de recuperação como o das estufas as entidades viram as costas.

#### 4.1 DESAFIOS NA APOSTA NO AGROECOLÓGICO

Olhando mais a fundo a fala das famílias entrevistadas, é possível encontrar uma grande preocupação quanto aos diversos desafios encontrados no processo de transição bem como após o mesmo. Dentro disso, observa-se que as pessoas que realizaram o processo de transição da monocultura do tabaco para agricultura familiar de base agroecológica visavam buscar uma nova forma de viver que fosse aquém da realidade vivida em suas práticas habituais. Com isso, as famílias nos mostram a dificuldade que era a vida na cultura do tabaco, bem como foi a mudança para a agricultura de base ecológica:

Aí plantemos fumo 25 anos. Aí, safra sempre foi boa, né? Um ano. A gente plantou um fumo diferente, né? Dois anos a gente plantou. Um ano, a gente fez uma safra. [...]. Próxima safra plantemos o mesmo tipo de fumo, aí que nós ganhamos no ano anterior. [...]. Dá pra aquele ano. Não sobrou nada naquele ano, não sei como é que pode. Depois a gente plantou outro fumo, a gente se criou plantando outro fumo. Plantei 25 anos o fumo. Aí, vamos dizer, mais a gente trabalhava, trabalhava dia e noite, dia e noite. E não sobrava, depois do fim do ano ali. E quando começava a safra de novo, não tinha mais nenhum centavo, né? Safra sempre, vamos dizer, que tu plantava o ano, até a próxima safra começar, não tinha mais nada. Aí, tu sempre tinha que trabalhar pra ter o dinheiro o ano inteiro, né? E tu não podia comprar mais nada, assim. Família “S”

A partir desta fala é possível ver que a cultura do tabaco era uma cultura que exigia um comprometimento anual, não havendo espaço para outras atividades, sendo que as forças da família eram concentradas apenas na preparação para a produção do tabaco. Com isso, é possível observar que tal mudança é um processo árduo, e que leva tempo para que o agricultor possa adequar a sua rotina ao novo estilo de vida. Isso se dá pelo fato de que a família não pode somente largar o plantio do tabaco para começar a cultivar orgânicos, pois é necessária uma adaptação. Como pode ser visto na fala da família “S” sobre o desenvolvimento do processo de transição:

Sim, é muita diferença. Tu não precisava se judiar tanto. Vamos dizer, não é que tu teve que preparar tua terra, né? Tu não podia

plantar logo, vamos dizer, tirar o fumo e plantar ali, né? Tu devia deixar. Só que eu comecei a plantar um pedacinho aqui, nem a sacocinha aqui, né? Eu não sei se tu vai querer olhar depois, até que eu comecei, né? Como é que foi, né? Olha, eu comecei vendendo cinco molhos de couve, três pés de alface, um quilo de cenoura, dois quilos de beterraba, assim eu comecei, né? Sim. Pra ir sempre for aumentando, né? Eu já plantei bastante, né? Mas tu tem que preparar a terra, né? Família “S”

A partir da fala dos mesmos é possível observar que agricultura familiar de base agroecológica, em um processo de transição, é algo que deve ser planejado com muito esmero. Uma vez que se não bem planejado, como colocado na fala da família, teríamos a possibilidade de não colher nada. O que também corrobora com Renk e Dorigon (2014) em que as imprevisibilidades climáticas ameaçariam o cultivo de orgânicos. Além das imprevisibilidades climáticas que podem interferir no cultivo de orgânicos, há também uma preocupação muito grande com a falta de apoio para financiamentos das plantações. Esse fator faz com que o cultivo de orgânicos se torne uma tarefa muito difícil de se manter no longo prazo, do qual é descrito pela família “K”:

No orgânico é um problema, financiar, ninguém te quer financiar. Se tu vai no banco, a primeira coisa que eles falam é se nós queremos aumentar as estufas, plantar. Primeira coisa que eles perguntam: é só a verdura que tu planta? Se tu planta só verdura, eles não te liberam dinheiro no banco para tu plantar porque tu não tem renda, eles alegam que tu não tem renda para pagar. Família “K”

Neste contexto, podemos ver que as dificuldades não são somente com as intempéries climáticas, mas também com os fatores financeiros, uma vez que há uma dificuldade muito grande por acesso a programas de financiamento. Porém, mesmo com essas dificuldades, o agricultor se mantém no cultivo de orgânicos e/ou continuam no processo de transição. Pois isso acarreta em um aumento na satisfação das famílias, sendo que as mesmas se consideram mais felizes por trabalharem em algo que lhes dá prazer em ser agricultor. Isso pode ser confirmado ao lermos Marx (ARON, 2008) do qual o mesmo descreve que o trabalho é essencial para a condição humana, e de certa forma é o que dá a sua dignidade e humanidade, porém quando se trabalha sobre condições desumanas, os indivíduos, aos poucos perdem a sua humanidade e assim deixam de cumprir tarefas que satisfaçam sua definição como humanos.

Isso também pode ser visto nas falas das famílias, ao comentarem sobre a feira e como se sentem trabalhando com orgânicos e como se veem como agricultores agroecológicos:

Alguma coisa a gente tem que fazer na vida, né? Tem que trabalhar, passear, não sei... A agricultura é produzir alimento e em poder ajudar a produzir alimentação, como dizer, sem veneno, sem agrotóxico, sim. Se eu não tivesse a feira, não sei se eu estaria mais aqui. Foram esses últimos anos bem difícil, também assim na vida vamos dizer assim. É a feira lá, você sempre tinha gente (na barraca) conversando daqui dali, né? Família "S"

Como podemos ver, a fala da família corrobora com o fato de que a transição é uma mudança na forma de viver, no qual se encontra prazer na vida em trabalhar no campo. Este mesmo prazer é encontrado na feira livre municipal, no qual se torna um espaço onde se criam diversas relações, tanto de amizade quanto de consumo. Ainda dentro do processo de transição, podemos perceber que tal processo traz diversos benefícios para os agricultores familiares, como pode ser visto na fala da família "S":

Isso (alimento ecológico) é outra coisa do que no convencional. Aí tem tudo cheio de veneno, não pode comer sem lavar, sem nada, isso é um (...), não pode tocar. As frutas, as batatas, as frutas que a gente produzia assim para o gasto, a gente nunca botava veneno. Eu estou acostumado desde pequeno a plantar isso aí, porque meus avós sempre já plantavam sem veneno tudo. E meu pai também quase não produzia com veneno. Eu já sabia mais ou menos como é que funcionava, né? E fazer compostagem, juntar esterco e como é que era produzido as sementes crioulos, né? Eles sempre tinham as variedades crioulos, como é que eles colhiam as sementes e guardavam, eles botavam num pedacinho de pano assim, pra conservar, em cima do fogão, pra semente, né? Família "S"

Assim como apresentado no depoimento da família "S", existe uma grande satisfação em plantar orgânicos, e também fica claro que existe a criação de um vínculo muito forte com a natureza, principalmente no fato de que os mesmos podem consumir os alimentos em natura. Ao qual é possível ver que o processo de transição traz para a vida dos agricultores uma reconexão com a natureza. Esta é descrita por Ploeg (2009) como uma parte fundamental na forma de produção camponesa, pois desta reconexão com a natureza, o agricultor passa a encontrar mais sentido em sua vida como agricultor camponês.

Mas uma questão muito importante levada em consideração pelas famílias que cultivam orgânicos, é a questão da sucessão, a qual é vista com um

desinteresse pelos jovens por continuar o trabalho dos pais. Como é salientado pela família pela família "R" sobre a questão da sucessão.

Não sei. Não se sabe. Porque os dois guris, nenhum dos dois vai voltar. Eu quase tenho certeza. Não sei. A minha neta não vai poder trabalhar na lavoura. A mais velha. Não tem como. Não sei. Se, vamos dizer, se nós dois desanimar e não puder mais, não sei. Ela também, só se ela continuar, mas ela também vai chegar à idade dela. Não sei. Não sei nem dizer, não sei se eu desistir, quem é que vai tomar conta. Ela sempre diz, um dia quando o pai e a mãe não dá mais, ela vai tomar. Vai tomar conta. Só que eles não tem, não conseguem plantar que nem eu planto. Porque a gente não sabe o dia de amanhã. Hoje eu sou aposentada. Família "R".

Na fala da família "R", é possível identificar uma certa preocupação com o futuro do cultivo dos orgânicos, uma vez que os filhos já possuem empregos em outra área e sua filha também está desestimulada. Esse desestímulo se dá pela penosidade do trabalho no campo, o qual é descrito por Renk e Dorigon (2014) sendo como uma desilusão sobre o campo, uma vez que os jovens percebem um sentido pleno naquele trabalho como seus pais, vendo aquele trabalho como danos para o corpo. Dessa forma o destino da produção de orgânicos é incerta, já que os jovens enxergam aquele trabalho como muito árduo e sem a retribuição devida. O que é corroborado pela fala da família "K" sobre a sucessão.

Nós estamos e os outros já estão tudo aposentados, mais "idados". Uns falam: oh, eu já estou com 75 anos. Para mim não vale mais a pena e os novos, só o nosso guri ainda e o guri do outro feirante lá que trabalha na feira. Os restos já estão tudo, os guri já os filhos vamos dizer tudo partiram para o outra cultura (atividade), uns estudaram, outros plantam outras coisas, só ficaram os velhos. Família "K".

No comentário da família "K" corrobora com a questão anterior e ainda complementa que há um envelhecimento no campo o que torna a sucessão uma questão ainda mais delicada. A questão do envelhecimento no campo se dá face a migração dos jovens do campo, como apontado por Renk e Dorigon (2014). Esta migração se dá principalmente em busca de uma vida diferente aquela encontrada no campo, em que o serviço não seja tão "danoso aos seus corpos", causando assim a inviabilização da agricultura em seu estilo camponês. Ou seja, os jovens veem o o trabalho no cultivo de orgânicos como um trabalho que não possui valor e que destrói os corpos dos indivíduos.

## 4.2 DA AGRICULTURA FAMILIAR

### 4.2.1 Da Forma de Produção Empresarial

Dentro do contexto da agricultura familiar e sua divisão contextual, a partir das falas das famílias agricultoras, é possível notar que existe uma certa distinção entre tipos de agricultura familiar quanto a sua forma de produzir. Acima de tudo é possível fazer a distinção bem clara de suas formas de produzir e os impactos causados em seus corpos e no psicológico dos mesmos. Por essa razão é importante olharmos para a fala das famílias entrevistadas quanto a rotina de trabalho no tabaco e compararmos com Ploeg (2009) :

Era difícil. Era muito duro. Fumo não tinha descanso nem de noite. Fumo não tinha descanso? Não tinha, não tinha descanso nem de dia e de noite. Quando tu quer dormir tu tem que levantar, botar lenha no fogo. é um ano e três meses, é 15 meses por ano eu sempre digo. É que o fumo não para não tem. Porque tu tá com fumo seco no galpão e já tem que fazer canteiro. Porque aí passa sempre três meses. É 15 meses que a gente trabalha no fumo durante o ano.  
Família “R”

A partir da fala da família “R”, é possível observar que, na cultura do tabaco, se aplica uma forma de produção empresarial, ao qual a família se tornou apenas uma parte da unidade de produção da empresa fumageira. Com isso, também se eliminam as possibilidades de que os agricultores familiares possam ter controle sobre suas vidas. Pois como é visto na fala da família entrevistada, os mesmos descrevem que “não tinha descanso nem de dia e de noite”, o que sinaliza os mesmos viviam para a produção e cuidado da plantação de tabaco. Isso também é corroborado por Ploeg (2009) do qual o mesmo descreve que a forma de produção empresarial é voltada para a produção de escala e redução de custos. Essa redução de custos pode estar atrelada à produção de tabaco ao utilizar-se de altas tecnologias para acelerar a produção. Porém, estas altas tecnologias envolvem químicos, que em muitas das vezes são extremamente nocivos para os seres humanos, dentro disto é importante observar que os efeitos destas tecnologias não podem ser aplicados para os orgânicos.

Tanto que as relações na forma de produção empresarial se mostram mais assimétricas e hierarquizadas, bem como descrito por Ploeg (2009). Dessa forma,

essa hierarquização também pode ser vista na fala da família “K”, na qual a mesma descreve como se dava a relação dos mesmos com os instrutores de fumo.

Os instrutores eles vêm e mandam assim para classificar, que são os instrutores da firma, que vêm e te mandam assim e eles te mostram como é a classificação. Não tem muita conversa. O instrutor vem, faz o pedido, depois o que transporta o fumo, né? Ele (o instrutor) traz da firma os venenos e os produtos que tu precisa, não só o veneno, mas outros insumos. Então eles descarregam ali no balcão, tu vê, e depois o caso sabe, né? Depois, quando tiver pronto no caso ali, eles só botam na cabeça, botam-se em um caminhão e já fica firme, né? Então não tem muito envolvimento assim entre pessoas de lá e pra cá, o maior envolvimento é com o instrutor, que vem te visitar, olha a lavoura, assim, às vezes tem uma pente, coisinha, às vezes te ajuda a mexer nessas coisas, assim, né? Família “K”

Ficando claro que, as relações dentro da produção do tabaco são apenas assimetizadas, uma vez que o agricultor familiar é apenas uma parte da unidade produtiva O que corrobora com Schneider (2002) do qual ele as descreve como pequenas unidades camponesas, da qual são submissas ao capital. Nisso, são apenas parte da empresa fumageira não havendo espaço para o uso da criatividade dos mesmos no processo. Uma vez que, como já visto em falas anteriores, na forma de produção camponesa, assim como descrito por Ploeg (2009), é possível fazer uso tanto de conhecimentos ancestrais bem como da sua criatividade como forma de desenvolver métodos que vão auxiliar na manutenção da coprodução bem como da base de recursos.

#### **4.2.3 Da Forma de Produção Camponesa**

O ponto central desta discussão é o processo de transição, ao qual é relatado pelas famílias agricultoras e o processo de transição em si, do qual se mostra como uma fase de grandes mudanças, principalmente em seus modos de vida. Isso porque, na fala das famílias, não basta apenas retroceder na forma de produção aplicada ao cultivo, mas também se faz necessária uma mudança na rotina familiar. Isso fica um pouco mais claro na fala da família “R”, quando os mesmos colocam quando começaram o seu processo de transição:

Não é fácil pra começar. É bem complicado, só que a gente tem que ser insistente nisso, não é? Eu vou parar com o fumo e vou começar a plantar orgânico. Não é bem assim porque são duas coisas, duas

plantas bem diferentes porque o fumo, isso aí plantando, botando força ele vem. Mas o orgânico, tu tem que saber lidar com ele, senão, não vai colher nada. Para o fumo é buscar a tecnologia, todos os anos tem uma tecnologia nova para te aprender. Mas para a produção orgânica não tem tecnologia, tem que voltar no tempo para descobrir como é que se planta, eu não sei se alguém já te falou isso. Família “R”

A partir da fala da família “R”, é possível ver que o processo de transição da cultura do tabaco para agricultura familiar é um processo árduo e demorado. Uma vez que não basta apenas parar de cultivar o tabaco, ao qual aplica, conforme Ploeg (2009) uma forma de produção empresarial, com vasta utilização de químicos para o seu manejo. Para que se possa fazer o processo de transição de uma maneira em que o processo consiga se sustentar, é preciso que o agricultor faça uma mudança aos poucos em sua forma de produzir. Ou seja, para que se possa adaptar, tanto a vida dos agricultores, como a terra ao qual vai ser cultivado os orgânicos, para que a terra onde o cultivo de orgânicos será feito, tenha tempo para a recuperação necessária. Outro fator levantado pela família, é que para que haja mudanças nas práticas durante o processo de transição, deve ser feito um resgate de conhecimentos ancestrais para assim a aplicação na cultura de orgânicos. Estes conhecimentos ancestrais, segundo Frohlich (2015), podem ser resgatados a partir de um modo de vida mais antigo, sendo um resgate de conhecimentos que há muito tempo foram perdidos. Na fala da família também é possível observar que o processo de transição da cultura do tabaco para a agricultura familiar de base agroecológica passa por uma mudança gradual na forma de produzir

Ploeg (2009) coloca que na forma de produção camponesa existe a prevalência do conhecimento locais, para que se possa fazer uma mudança gradual no estilo de vida. Porém, na cultura de orgânicos existe um resgate de saberes locais perdidos como é colocado pela Família “R”.

Você tem que voltar lá atrás, como é que teu bisavô, da tataravô, estava plantando, para te resgatar aquele tempo para começar a conseguir colher. Tá, mas hoje nada para nós não foi fácil. Não, por isso que eu digo, não é fácil para ninguém. É complicado. Se tu parar o teu serviço, tu quer começar só a fazer orgânico, tu não vai conseguir. Família “R”

Nesta fala fica claro que existe uma forma de produção que é mais voltada para os saberes ancestrais. Também é importante destacar que esta forma de produção camponesa, como pode ser descrita, possui um olhar mais voltada para a

valorização dos seres humanos. Nesta forma de produção camponesa, como também é descrito por Ploeg (2009) existe um maior compartilhamento de informações entre as pessoas, sendo assim, a partir deste compartilhamento e troca de ideias, cria-se uma maior valorização tanto do trabalho quanto do conhecimento ancestral. Outro fato interessante a ser notado durante o processo de transição, é o fato de tal processo, durante a alternância entre as formas de produção, possibilita com que os agricultores possam trabalhar a sua criatividade.

É possível observar que o processo de transição da cultura do tabaco para a agricultura, possibilita que os agricultores familiares diversifiquem a sua produção, não ficando presos a um único cultivo. Colaborando com a proposta da forma de produção camponesa, ao qual, é descrita por Ploeg (2009) em que tal forma de produção permite que o agricultor manifeste sua criatividade através de conhecimentos próprios, utilizando técnicas que não dependam tanto de altas tecnologias. Desta forma é possível que com a mudança gradual na forma de produzir, os agricultores consigam ser criativos, diversificando a sua produção e assim possibilitando com que os mesmos não fiquem dependentes de uma única cultura.

Dentro do processo de transição também fica visível que, tal processo é extremamente deficitário no quesito de auxílios por parte de instituições financeiras e cooperativas de crédito. Uma vez que durante o processo de transição as famílias precisam recorrer ao dinheiro do próprio bolso por não haver linhas de crédito para pequenos agricultores. Como podemos observar na fala da família “S”.

Se tu quer fazer um financiamento, meu Deus do céu. Juros te comem. Mas tu tem que pagar tudo, né, por conta? Tu paga o preço cheio, eles cobravam, tudo por conta. Família “S”.

A partir da fala da família “S” é possível perceber que não existem incentivos por parte das instituições financeiras aos agricultores familiares em processo de transição, uma vez que o mesmo tem que recorrer ao dinheiro do próprio bolso para tal. Neste sentido, percebe-se uma maior prevalência do uso da criatividade, uma vez que segundo as próprias famílias entrevistadas, não havendo a outras formas de incentivo, buscam as maneiras de melhorar a sua produção. Neste ponto, Ploeg (2009) nos coloca que a forma de produção camponesa busca a valorização do trabalho e dos seres humanos envolvidos. Com isso, sem muitos incentivos, os

mesmos buscam através da sua criatividade, vencer diversas adversidades, buscando principalmente uma valorização maior dos seus produtos, visando uma renda maior.

#### 4.2.3 Das Feiras e Circuitos Curtos

Um dos grandes fatores fundamentais que auxilia às famílias agricultoras, tanto no processo de transição quanto na promoção de visibilidade e renda são os circuitos curtos de comercialização bem como as feiras livres. Segundo as próprias famílias entrevistadas, as feiras livres servem como um espaço de diálogo e de construção de vínculos com as pessoas.

Eu acho que tem que ter mais valorização, em questão do ecológico contra o convencional. Tem muita coisa que é o mesmo preço do convencional também. [...]. Porque a gente nota quando vem pessoas de fora, aí dizem: não, mas vocês estão muito baratos. Se eu vou comprar lá, em Porto Alegre, e tem gente de outros estados também, compram aqui (São Lourenço do Sul) para levar para lá, porque lá está muito mais caro, né? Família “S”.

Na fala da família “S”, é possível ver que as feiras livres se mostram como um espaço de grande valorização para os produtos orgânicos oriundos do processo de transição. Uma vez que as feiras livres, segundo Radomsky (2015), têm a força de aproximar ainda mais produtores e consumidores, mostrando para os mesmos que o alimento não é apenas um “produto”, mas sim que é algo que transmite significados. Com isso, as feiras livres são um grande difusor de significados para além de um ponto de comercialização de alimentos, se mostrando como um local de trocas de convivências e de criação de vínculos. Como é possível observar na fala da família “S” sobre os diálogos na feira.

Estamos indo (à feira) todos os sábados. Se nós faltamos, eles (os consumidores) perguntam: por qué vocês não foram?. É, quartas também né: por qué não vieram a semana passada fazer feira?”. Nem sempre dá né. Família “S”.

Nesta fala, conseguimos constatar que existe uma relação muito forte entre feirantes e consumidores, o que corrobora com Radomsky (2015) do qual essas interações criam, com um tempo um senso de comunidade e também auxiliam no

processo de pertencimento ao mesmo grupo. Tal pertencimento é essencial para a construção de uma comunidade a qual valoriza mais a produção de orgânicos entendendo os processos e os vínculos. O vínculo criado na Feira Livre municipal de São Lourenço do Sul faz com o que várias pessoas busquem os produtos da mesma, não só por serem produtos orgânicos, mas por todo o processo envolvido. Uma vez que os consumidores passam a entender o que existe por trás, é algo mais que só um alimento, que há neste alimento, trabalho, saberes e relações envolvidos. Dentro disto, as feiras também se mostram como um espaço de debate e construção do pensamento crítico, auxiliando na modificação do pensamento pré-existente. Como é colocado na fala da família “R”.

A feira é a maior alegria que você tem quando você está ali. As pessoas te abraçam, as pessoas vêm para conversar contigo e vêm te dar um carinho que você precisa, de tanto valor que você dá para as pessoas ali. Nós temos clientes, uns dois ou três clientes que compram anos de nós, uns quatro ou cinco anos, e têm alergia a veneno. Família “R”.

Nesta fala é possível ver que existem vínculos formados entre agricultor e consumidor movidos por uma necessidade de buscar uma saúde melhor. O qual podemos ver em Radomsky (2015) que existe uma dádiva presente nas feiras livres, do qual o agricultor familiar está comercializando além de um alimento, está lhe oferecendo uma vida mais saudável. Contribuindo assim para uma maior compreensão do que é a produção agroecológica e o processo de transição. Também é possível observar que existem fortes vínculos de amizade criados entre consumidores, o que faz com que o processo de comunicação seja mais fluido e assim possa se construir um pensamento coletivo prático em cima destas relações.

Pois, como é descrito por Radomsky (2015), existem consumidores que estão consumindo os produtos da feira com a consciência, do qual entendem que não estão consumindo só para si, mas também pelos outros. Mas na feira livre municipal de São Lourenço do Sul, nota-se uma certa coesão com a ideia do autor segundo a fala das próprias famílias.

Então, nos preços quase não tem diferença, porque se nós vender a dois e o vizinho vende a um, nós somos obrigados a baixar também. Então, nos preços não tem muita diferença não, é quase tudo igual. E, aí muitas vezes o consumidor, que não é bem informado, ele até nem sabe se está levando orgânicos. [...]. Há uns consumidores que a gente tem lá que não reclamam nada, nem perguntam o preço

também não compram dos outros. A gente também não abusa no preço só que tinha que valer um pouco mais do que o convencional. É bem mais trabalhoso o produto orgânico, isso para limpar, para capinar tudo isso tem que ser tudo a mão. Família “M”

Esta fala da família “M” podemos ver que na feira, pelo método de organização ao qual a feira está disposta, coloca os feirantes em uma posição ao qual não conseguem valorizar seus produtos. Este ponto é abordado por Radomsky (2015) para quem a disposição na qual a feira está disposta, pode, em tese, influenciar nas decisões dos consumidores, sendo de suma importância uma organização ao qual fique claro a posição dos orgânicos. Com isto, podemos ver que a falta de divulgação bem como o posicionamento dos mesmos, talvez pode ser considerado como um dos fatores que influenciem na desvalorização dos produtos, uma vez que os mesmos estejam sem uma identificação mais clara como produtores de orgânicos. Outro fator que pode estar influenciando a desvalorização dos produtos na feira livre municipal de São Lourenço do Sul é a cultura do consumo. Uma vez que muitos dos consumidores estão atrás de produtos com preços mais baixos ao invés da qualidade.

Essa forma de consumo, pode ser descrita com base em Radomsky (2015). O autor descreve em pesquisa realizada em uma feira livre que muitos dos consumidores que frequentam a feira com a consciência de que existe um trabalho extenso por trás da produção dos orgânicos. E, por outro lado, existem apenas consumidores que a frequentam por causa dos preços mais baixos em que a questão da remuneração também é relevante na hora da escolha dos produtos. Estes consumidores não estão muito interessados em saber o processo e os vínculos envolvidos na produção, e sim nos preços, uma vez que o fator da remuneração também pesa nesta decisão.

Mas as famílias produtoras também destacam a importância dos circuitos curtos de comercialização como uma forma eficaz de se manter a renda dentro da propriedade. Uma vez que nesta forma de comercialização não há a presença de intermediários, sendo uma forma de promover uma maior distribuição de renda com igualdade e também uma maior visibilidade. Podemos ver na fala das famílias sobre circuitos curtos.

A melhor coisa é tirar o intermediário. Porque a gente consegue ganhar mais. [...] Isso que o intermediário ganha, fica para nós.

Muitas vezes, ele ganha mais do que quem produz. A maioria das vezes. Não é só umas vezes. Ele ganha o dobro que ganha produzindo. Que eu sei bem como é que é. Nós já passei muito por isso. Família “R”.

Dentro da fala da família “R”, é possível observar que os circuitos curtos permitem que os mesmos façam uma comercialização mais justa de seus produtos diretamente com o consumidor. Desta forma, é observável que as sobras, quando há a venda com intervenção de intermediários, os mesmos ficam com todas as sobras, não havendo uma equidade na distribuição das mesmas. Outro ponto muito importante é que há uma circulação de consumidores dentro deste estilo de comercialização. Ao qual é descrito por Radomsky (2015) esta circulação de consumidores é fundamental para a criação de uma cultura coletiva de consumo mútuo, onde são comercializados alimentos mais saudáveis e trocados conhecimentos.

Dentro da discussão sobre as feiras e os circuitos curtos de comercialização, podemos também destacar o fator da certificação participativa, ao qual foi levantada durante as entrevistas. Durante as conversas, as famílias colocaram que a certificação proporciona uma maior segurança na comercialização, porém o mesmo não proporciona uma valorização maior para os produtos orgânicos. Como é descrito pela família “R”.

É um grupo muito grande que tem esse meu selo e esse selo Ecovida está praticamente quase no Brasil inteiro sim, mas aqui em São Lourenço aqui em São Lourenço o grupo do (...), todo mundo que é do CAPA tem (o selo). Família “R”.

Na fala da família “R” é possível ver um pouco das várias nuances que a certificação possui. Dentro delas está a baixa valorização dos produtos, mesmo obtendo o selo Ecovida. Isso é descrito por Radomsky (2015), como um possível problema de comunicação, uma vez que os produtos e/ou a banca de orgânicos talvez não estejam devidamente identificados o que pode tornar a diminuir a eficiência do selo na promoção de uma maior visibilidade. Mas também é colocado pelas famílias sobre questão das reuniões, as quais não ocorreram durante a pandemia, como é colocado pela família “K”.

Às vezes, é que na pandemia ficou meio parado. Depois da pandemia, nós temos assim uns grupos, em quatro. Aí, assim, uma vez tem reunião na nossa casa, daqui a uns três meses tem reunião

no outro, e assim eles fizeram a matada. Mas na pandemia, então vocês tiveram [...] Na pandemia era totalmente tudo isolado. Tudo isolado. Praticamente ninguém podia sair. Família "K".

Nesta fala da família "K" fica visível que as reuniões, que estavam ausentes na época da pandemia, possuíam um fator importante de troca de saberes. Bem como de auxílio para a informação dos mesmos, uma vez que durante as reuniões era feita a distribuição de folhetos para a informação sobre doenças e pragas que pudessem atacar as culturas orgânicas. Como fica claro na fala da família "K".

Antes não tinha isso aí. Eles distribuíram muitos folhetos, sabe, nas reuniões onde eles fazem os folhetos, onde explica se o morango tem esse peste. O que tu produz, e plantar consorciado, porque tem umas plantas que não se, vamos supor, não se bicam com outras. Família "K".

Assim, é possível ver que as reuniões contribuem para a a troca e criação de conhecimento entre os próprios agricultores contando com o auxílio dos próprios agricultores envolvidos na certificação. Esse processo de trocas de conhecimento entre os agricultores familiares envolvidos na certificação, propicia um espaço amplo de debate para o fomento do pensamento crítico. Esse espaço de debate, ao qual se fomenta o pensamento crítico dos indivíduos, pode ser descrito como uma racionalidade cotidiana, ao qual, segundo Sato (2007) é uma construção de uma nova realidade a partir de uma convivência diária, ao qual os indivíduos envolvidos, pela ação diária, seja ela trabalho e/ou conversa, passam a modificar o pensamento sobre a realidade ao qual estão alocados.

#### 4.3 DA CONTRADIÇÃO ENTRE AS FORÇAS DE PRODUÇÃO, SAÚDE E NA PRODUÇÃO DE NÃO ALIMENTOS

A partir das conversas com os agricultores familiares é possível observar uma aparente contradição. Duas das famílias entrevistadas estão retornando para a cultura de tabaco. São a família "M" e a família "K". Estas famílias comentaram que apesar de já ter realizado o processo de transição para produção de base ecológica, eles estão recorrendo à produção de tabaco para sobreviver por causa da renda.

Esta contradição é exposta na reflexão de Aron (2008) ao explicar a obra de Karl Marx. Se a sofisticação das forças produtivas deveria conduzir a um bem-estar

da humanidade, grande parte desta não está sendo beneficiada. Além disso, na divisão do trabalho, as pessoas não percebem satisfação no mesmo. Isso também é corroborado na fala da família “K”:

[...] porque tem muita gente plantando fumo, né? Não é porque ele (o agricultor) quer plantar fumo muitas vezes, né? Sabe que o serviço é judiado, tudo, né? Mas muitas vezes é por opção, né? As famílias são pobres, têm poucos hectares de terra, geralmente há muitas famílias que têm 10, 12 hectares de terra, né? Então, em 10, 12 hectares de terra, eles plantam 3 hectares [...]. As famílias tem que comer e o fumo é para ter renda de dinheiro que precisa para sobreviver. Família “K”

Nesta fala é possível notar que mesmo que os agricultores que cultivaram o tabaco façam a transição para a agricultura familiar agroecológica, muitas vezes ficam na contradição. Pois, mesmo sabendo que o fumo requer de altas cargas de químicos, voltam a cultivá-lo por necessidade, uma vez que os mesmos estão sempre sobre a pressão de diversos fatores externos e internos. Podemos dizer que internamente, o agricultor tem a devida consciência de que voltar ao fumo pode-lhes fazer mal à saúde. Eles sabem. Porém, todo o contexto, onde há uma necessidade de se produzir mais para se obter uma renda um pouco maior, ajudado pelo fator da desvalorização da produção de orgânicos, faz com que as famílias optem, outra vez, por produzir fumo, que por ventura degrada a saúde tanto das suas vidas quanto de suas terras. Isso é corroborado pela fala da família “M”, onde seus integrantes mencionam sobre a sua experiência de plantação de batatas ao qual era atacada por pragas oriundas da plantação de fumo. Esta experiência relatada ocorreu antes da transição. A batata foi um cultivo escolhido para sair do fumo, no início.

Aí, eu passava mal com ela (o veneno), porque a gente planta em fevereiro a batata. E, aí foi que eu tinha que comprar veneno também. Botava calda para a queima, mas botava 100 ml daquele inseticida faixa vermelha. Hoje, não sei se tem ainda o mais brabo que tem, aí era 100 ml em 100 (...), como é que era em 100 litros? Eu não sei, eu não me lembro dessa parte porque eu já era criança. Família “M”.

Essa fala corrobora que as pessoas tiveram a experiência de intoxicação com o fumo, mas mesmo assim, é necessário o cultivo de não-orgânicos pela valorização

dos produtos para fins de renda. Dentro deste contexto, também a outra fala da família “M”, explicam sobre a degradação da saúde com aplicação de venenos:

E aquilo com 100 ml. não queria ajudar porque aquelas pulgas já vêm resistentes de um veneno lá. E, eu fui botando 200 ml. e não matava, botei 300 ml. Também não matava. No fim, eu botei 400 ml. em 100 litros. Mas aí eu comecei a ficar mal [...]. Não podia dormir mais e ficava ansiado, parece que estava tudo mal. Aí, eu fui no médico para ver o que era, até era uma médica que disse: você tem muita dívida, você está tão ansiado, o nervosismo (...). Aí, nós estávamos lá, atrás do mato, quando eu preparava a calda já vomitava. Já saía tudo para fora o que tinha. Família “M”

Nesta fala podemos observar claramente que existe uma contradição. Mesmo sabendo que aquela produção está lhe fazendo mal, muitas vezes os agricultores optam por continuar, por manter esta produção danosa.

No caso da família “M”, os integrantes pensaram em uma saída para deixar a plantação de fumo. Em um primeiro momento, antes da transição agroecológica, eles começaram na plantação de batatas. Este sentimento de querer sair do ciclo do fumo é chamado de determinação. Esta determinação é descrita por Aron (2008) como um movimento intermitente ao qual, aqueles que estão sendo submetidos a esta contradição entre forças produtivas estão na tentativa de sair deste embate. Segundo Aron (2008), a partir de Marx, tais movimentos, são uma compreensão da sociedade a partir de um movimento histórico da sociedade em prol de entender que tais contradições existem e que podem ser modificadas, a partir do conhecimento adquirido.

Com isso, é possível perceber que dentro desta contradição que coloca os agricultores familiares na nuance entre os cultivos, existe também uma certa alienação, por parte destes agricultores familiares. Uma vez que passam a adotar esta mesma rotina como normal, como algo que faz parte de suas vidas, porém é uma rotina que sutilmente se impõe na necessidade por uma produção mais rentável e valorizada.

Isso também é corroborado pela família “K”, do qual os mesmos falam da defasagem de preço e que a feira serve como um complemento de renda:

As coisas (alimentos ecológicos) não tinham mais preço, estava muito defasado o preço. Então, e aquilo era só para te manter assim, vamos dizer, para tu comer e assim não se tinha para comprar um casaco, uma calça, assim, uma roupa, né. Então, nunca tinha

dinheiro isso, então, aí ir para fumo, depois que a gente conseguiu, a gente conseguiu. Família “K”.

Mas também fica evidenciada a presença de uma difícil escolha também na questão da produção de não-alimentos, dos quais as famílias sabem que estão produzindo um produto que é possível de ser consumido com segurança, mas optam por produzir não comestíveis. Neste contexto, podemos ver isso na fala da família “K” que expõe esta questão.

Vamos supor, se o alimento não é valorizado, se eu planto fumo, tu vai fazer o quê com o fumo. Tu não pode comer o fumo, tu vai só vender o fumo. E se todo mundo pensasse assim, ai vou plantar fumo, todo mundo planta fumo e ai o alimento? É que eles não dão valor ao alimento, para quem produz ainda, né? Não tinha que ser assim. Família “K”

Nesta fala, observamos que os mesmos estão um dilema entre a produção de tabaco, uma vez que eles optam por ainda cultivar o tabaco segundo a fala da família, pela baixa valorização dos alimentos.

#### 4.4 HÁ COLONIZAÇÃO DO CONHECIMENTO?

Por fim, foi observado em uma das conversas que existe um processo de rompimento com as instituições de apoio devido aos mesmos perceberam que não está havendo espaço para o conhecimento local. Uma vez que foi colocado pelos mesmos que existe uma tentativa de hierarquização do conhecimento, colocando o conhecimento técnico e acadêmico acima do conhecimento local. A família entrevistada expôs uma insatisfação quando pessoas da academia vem fazer pesquisa na propriedade familiar e os saberes locais são ignorados. Como visto abaixo:

Ele vem e diz pra ti que tu não pode fazer isso nem aquilo. Como é que tu te sente? Sinto-me mal. Ele é o dono da verdade é? Porque ele precisa vim falar isso pra nós? Todas as vezes quando ele vem ele fala aquilo. Parece que eu é pra andar na linha como ele quer. E não é assim, ele tem que andar como nós queremos não como ele quer. Família “R”.

Nesta fala da família "R" é possível ver que existe uma tentativa de hierarquização de conhecimentos, por parte das instituições de apoio, onde conhecimento dos agricultores não é reconhecido. Isso, segundo Leite (2020) é resultado de anos em que o conhecimento científico serviu apenas para criar um processo de dominação sobre os conhecimentos locais, atendendo apenas a logro do capital. Uma vez que através desta hierarquização de conhecimentos, houve um processo em que os agricultores familiares se sentiram colonizados quanto aos seus conhecimentos. Uma vez que o conhecimento científico, deve, de maneira conjunta convergir com o conhecimento local sem desmerece-lo, ainda se tem a ideia de que apenas o conhecimento científico é válido para que se mantenha o desenvolvimento. Como coloca Leite (2020), ainda prevalece a ideia errônea do iluminismo de que o conhecimento verdadeiro, é apenas o conhecimento acadêmico. Mas o desenvolvimento nos mostra que o conhecimento verdadeiro é todo aquele desenvolvido ao longo dos anos, seja ele acadêmico ou local.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos observar que a agricultura familiar é bem distinta quanto a sua forma de produzir, o que fica bem claro na fala das famílias entrevistadas, nos mostrando que o conceito pode ser distinguido em uma agricultura familiar mais empresarial e uma agricultura familiar de base camponesa quanto sua forma de produzir. Uma vez que a partir das falas das famílias fica claro que estas formas de produzir são distintas entre si e que fazer a transição entre elas é um processo lento e árduo.

É possível observar que existem agricultores dentro do que Ploeg (2009) descreve como campesinato. Que praticam uma forma de produzir mais baseada na artesanidade, ou seja, que possuem métodos de produzir mais voltados para a produção direta na terra, com o emprego da própria força de trabalho. Uma vez que essa forma de produção é descrita por Ploeg (2009) como uma forma de produção camponesa, da qual possui uma maior ênfase na valorização do trabalho e dos seres humanos, bem como nas relações. Dentro desta artesanidade, à qual é retomada pelo processo de transição, traz de volta aos esses agricultores uma razão de ser muito forte. Através desta artesanidade, há uma reconexão com as suas raízes, uma vez que os mesmos se sentem novamente agricultores, dando mais sentido a suas práticas diárias. Através desta mudança entre as formas de produção, nota-se que os agricultores familiares de base agroecológicas possuem diversos desafios a serem enfrentados frente a produção convencional. Um dos principais desafios destes agricultores é a falta de consumidores engajados, bem como a baixa valorização dos produtos na Feira Livre municipal de São Lourenço do Sul. Em que os agricultores não podem aumentar o valor de seus produtos, pois não conseguiriam fazer frente aos produtos convencionais. Outro desafio levantado pelos agricultores é a questão da logística pela imprevisibilidade de consumidores, uma vez que não podem levar grandes quantias por risco de perda. E, também há uma falta de incentivos a produção de orgânicos, tanto do poder público quanto de entidades financeiras. Aonde nem cooperativas de crédito disponibilizam incentivos financeiros com juros mais suaves, uma vez que as linhas de crédito são disponibilizadas apenas para a agricultura na sua forma convencional.

Mas dentro deste campo da agricultura familiar também se observa que, através do processo de transição entre as formas de produção, os mesmos adquirem uma certa autonomia parcial. Através deste processo mais artesanal e de criação em conjunto com a natureza, é possível se produzir sem causar danos agressivos a natureza, trabalhando na coprodução.

Dentro dos vínculos, os agricultores colocam que essa forma mais artesanal de produzir permite criar vínculos mais fortes entre os produtores e também os consumidores que frequentam a Feira Livre municipal de São Lourenço do Sul. Na questão da feira, ela deve continuar a ser uma grande promotora de visibilidade, bem como servindo de espaço de diálogo e troca de saberes e informação. Uma vez que os entrevistados colocam a mesma como um “local onde não são consumidores e sim amigos”, mostrando que os vínculos vão além de uma relação de comércio. A feira livre também se mostrou como uma forma de comércio direto com os consumidores, eliminando a participação de intermediários, o que faz com que a renda fique com os agricultores familiares. Mas também há alguns aspectos a chamar atenção., principalmente no que diz respeito a certificação participativa. O selo da rede Ecovida parece ter maior efeito quando os agricultores comercializam fora do município e estes selos parecem não ter muita importância quando vendem na Feira no município. Por isso, os agricultores questionam a eficácia do selo.

O que nos mostra que o agricultor artesanal é aquele que não é apenas um produtor que vai a feira nos fins de semana vender o seu produto, mas que todos eles são seres humanos. Que trabalha a terra para produzir alimentos a partir de seus conhecimentos, não descartando a tecnologia, porém não destruindo a natureza que o retribui, mantendo assim um ciclo de trocas entre homem e natureza. Importante salientar novamente que a artesanidade trás de volta aos agricultores uma a alegria e o prazer em serem agricultores.

## 6. REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Ricardo. **Paradigmas do capitalismo agrário em questão**. 3.ed. São Paulo: Edusp, 2007.

AFUBRA. **Relatório de atividades 2021/2022**. Santa Cruz do Sul: Afubra, 2022. Disponível em: <[https://issuu.com/afubra/docs/afubra\\_-\\_relat\\_rio\\_de\\_atividades\\_2021\\_2022](https://issuu.com/afubra/docs/afubra_-_relat_rio_de_atividades_2021_2022)>, Acesso em: 17 mai. 2023.

ARON, Raymond. **As etapas do pensamento sociológico**. 7ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

COUTINHO, Edilma Pinto; NEVES, Halanna Cavalcante da Nóbrega; SILVA, Eurides Marcílio Ginu da. Feiras Livres do Brejo Paraibano: crise e perspectivas. **SOBER**. 2006

FARIA, José Henrique de. **Gestão participativa: relações de poder e de trabalho nas organizações**. São Paulo: Atlas, 2009.

FIALHO, Raquel Ribas; GARCIA, Edna Linhares. O trabalho dos agricultores e agricultoras familiares da cultura do fumo em suas implicações nos processos de saúde-doença. **REDES**, v.8 n.2, p. 139-154, 2003.

FROEHLICH, José Marcos. **A Heterogeneidade Social: a construção de identidades e as sociabilidades locais**. Ijuí: 1. ed. Unijuí, 2015.

FROELICH, Egon Roque; FROELICH, Clarice. In: Metodologia de pesquisa em estudos rurais: investigando a partir de estudo de caso. In: CONTERATO, Marcelo Antonio; RADOMSKY, Guilherme, SCHNEIDER, Sérgio (Orgs.). **Pesquisa e Desenvolvimento Rural: Aportes teóricos e proposições metodológicas**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2014, p.57-75.

GAZZOLA, Marcio. O processo de mercantilização do consumo de alimentos na agricultura familiar. In: SCHNEIDER, Sérgio (Org.). **A diversidade da agricultura familiar**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009, p. 85-104.

LEITE, Alessandro Gonçalves. O conhecimento científico e a colonização dos horizontes: progresso e desenvolvimento na modernidade. **Revista História e Cultura**, Vol. 9, Nº 1, p. 510-525, 2020.

MENDES, Rejane Beatriz. Feira Livre e Segurança Alimentar: um estudo de caso de Santa Maria de Itabira (MG). In: THEODORO, Suzi Huff ; DUARTE, Laura Goulart; VIANA, João Nildo. (Orgs.). **Agroecologia : um novo caminho para a extensão rural sustentável**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009, p. 117-133

MIGUEL, Lovois de Andrade; GERHARDT, Tatiana Engel; VERDUM, Roberto; BECK, Fábio de Lima; ALMEIDA, Jalcione Pereira de; NETTO, Carlos Guilherme Adalberto Mielitz; LOPES, Marta Julia Marques; RAYMOND, Claude; ZANONI, Magda Maria. Metodologia de prática de pesquisa interdisciplinar em desenvolvimento rural. In: CONTERATO, Marcelo Antonio; RADOMSKY, Guilherme,

SCHNEIDER, Sérgio (Orgs.). **Pesquisa em Desenvolvimento Rural: Aportes teóricos e proposições metodológicas**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2014, p. 35-55.

NIEDERLE, Paulo André; ESCHER, Fabiano; CONTERATO, Marcelo Antonio. Estilos de agricultura: a diversidade do rural contemporâneo. In: CONTERATO, Marcelo Antonio; RADOMSKY, Guilherme, SCHNEIDER, Sérgio (Orgs.). **Pesquisa em Desenvolvimento Rural: Aportes teóricos e proposições metodológicas**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2014, p.205-225.

PLOEG, Jan Douwe Van der. O modo de produção camponês revisitado. In: SCHNEIDER, Sérgio (Org.). **A diversidade da agricultura familiar**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009, p. 15-56

RADOMSKY, Guilherme Francisco Waterloo. **O Poder do Selo: imaginários ecológicos, formas de certificação e regimes de propriedade intelectual no sistema agroalimentar**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2015.

RENK, Arlene, DORIGON, Clóvis. Trabalho, juventude rural e mudança social. In: RENK, Arlene, DORIGON, Clóvis. (Orgs) **Juventude rural cultura e mudança social**. Chapecó: Argos, 2014. 222.p

SATO, Leny. Processos cotidianos de organização do trabalho na feira livre. **Psicologia & Sociedade**, 19, Edição Especial 1, p.95-102, 2007.

SCHNEIDER, Sérgio. A teoria social da agricultura familiar e pluriatividade. **RBCS**, v. 18, n. 51, p. 100-192, 2003  
Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/88036/000386897.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 25 de Abri. 2023.

SCHNEIDER, Sérgio; CASSOL, Abel. Diversidade e heterogeneidade da agricultura familiar no Brasil e algumas implicações em para políticas públicas. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, v. 31, n. 2, p. 227-263 2014. Disponível em: <<https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/127344/1/Diversidade-e-heterogeneidade.pdf>>. Acesso em: 12 de mai. 2023.

WILKINSON, John. **O mundo dos alimentos em transformação**. Curitiba: Appris, 2023.

**APÊNDICE A - ROTEIRO DE PERGUNTAS ABERTAS PARA OS  
AGRICULTORES FAMILIARES ECOLÓGICOS QUE PARTICIPEM FEIRA  
LIVRE MUNICIPAL DE SÃO LOURENÇO DO SUL**

- 1. Compartilhe, por favor, um pouco da história da sua família. Há quanto tempo mora nesta propriedade, o que cultiva atualmente, quantas pessoas moram com você na propriedade?**
- 2. Vocês cultivavam tabaco antes do processo de transição para agroecologia. Me explique, por favor, como era a rotina de trabalho na cultura do tabaco? Todos os membros da família estavam envolvidos?**
- 3. Poderia nos contar como foi a experiência de transição de uma cultura de fumo para uma agricultura de base agroecológica?**
- 4. O que significa ser agricultor ecológico?**
- 5. Como vocês avaliam a participação do consumidor que opta pela oferta de alimentos ecológicos na Feira municipal de São Lourenço do Sul (Feira Livre municipal de São Lourenço do Sul)?**
- 6. Para você, qual é a principal diferença entre comercializar os produtos na Feira municipal de São Lourenço do Sul (Feira Livre municipal de São Lourenço do Sul) e comercializar via os intermediários?**

## APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

\_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 202\_.

Este Termo é um convite que você tem plena liberdade para aceitar ou recusar. Caso aceite, você irá participar de uma pesquisa que tem o potencial de contribuir para o desenvolvimento do trabalho de conclusão de curso de graduação em tecnologia em gestão de cooperativas, que é requisito parcial para a obtenção de grau de tecnólogo em gestão de cooperativas. sendo um estudo e desenvolvimento da agricultura familiar junto a Universidade Federal do Rio Grande. A pesquisadora responsável pelo projeto é a professora Dra. Adriana Paola Paredes Penafiel, tendo a participação do discente Manoel Kabke Igansi, do qual compõe a equipe de pesquisa, como pesquisador assistente. Caso você queira qualquer informação ou deseje conversar com a equipe de pesquisa, pode dirigir-se à professora responsável Adriana Paola Paredes Penafiel, pelo e-mail [adrianapenafiel@furg.br](mailto:adrianapenafiel@furg.br), ou com o discente Manoel Kabke Igansi pelo e-mail [manekogoleiro@gmail.com](mailto:manekogoleiro@gmail.com), ou pelo whats (53) 991563781. O projeto de pesquisa: Repensando a forma de produzir: uma análise do processo de transição da produção de tabaco para agroecológica na agricultura familiar no município de São Lourenço do Sul, RS., tem como objetivo analisar o processo transição dos produtores que cultivam o tabaco para a agricultura familiar de base agroecológica e que estão inseridos Feira Livre da Praça Central de São Lourenço do Sul. Possuindo como objetivos específicos I) Entender a dinâmica de funcionamento da agricultura familiar de base agroecológica, e também compreender o funcionamento da agricultura familiar convencional na produção de tabaco; II)Compreender as diferenças entre a forma de produção camponesa em contrapartida à forma de produção empresarial; III)Analisar as dinâmicas dos circuitos curtos de comercialização de produtos de base ecológica no município de São Lourenço do Sul.

Tal projeto visa estudar os processos envolvidos de transição da cultura do tabaco para a agricultura familiar de base agroecológica. O presente projeto de

pesquisa possui fundamentação teórica em três linhas conceituais. Na primeira linha é trabalhada a agricultura familiar, suas distinções entre suas várias definições perante os autores. Na segunda linha conceitual é trabalhada as diferentes formas de produzir separando a forma de produção empresarial da forma de produção camponesa. E na terceira linha conceitual é trabalhada os estilos de comercialização, ao qual é abordado a importância dos circuitos curtos de comercialização no fomento a agricultura familiar de base agroecológica.

A coleta de dados para alimentar a pesquisa será realizada com uso de alguns instrumentos: i) Roteiro de Perguntas Abertas, ii) O uso de Gravador para posterior transcrição, III) Leitura em voz alta do TCLE.

Caso você concorde, sua participação na pesquisa será por meio de entrevista concedida ao pesquisador envolvido no projeto.

A participação na pesquisa envolve risco mínimo, que se refere à possibilidade de constrangimento com algum questionamento feito durante a entrevista. Salientamos que todas as informações que forem fornecidas durante as entrevistas serão tratadas com sigilo e confidencialidade. Também esclarecemos que você poderá desistir de participar e/ou interromper a conversa a qualquer momento e, neste caso, você tem o direito de retirar o seu consentimento aqui registrado. Garantimos o esclarecimento de todas as suas dúvidas e questões, bem como o acesso aos resultados da pesquisa. Os pesquisadores garantem assistência integral, imediata e gratuita em caso de alguma ocorrência durante a sua participação na pesquisa. Garantimos, ainda, o ressarcimento e a indenização ao participante em casos de prejuízos e/ou danos causados direta ou indiretamente pela pesquisa.

Além do risco, há os benefícios em participar da pesquisa, que no caso do projeto em questão se referem à construção de possibilidades para a melhoria no processo de diálogo com agricultores familiares e uma maior aproximação

dos mesmos com a universidade, promovendo assim uma maior visibilidade para os mesmos.

O referente projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da FURG, que tem por finalidade defender os interesses dos participantes da pesquisa, em sua integridade e dignidade, contribuindo para o desenvolvimento de pesquisas dentro dos padrões éticos consensualmente aceitos e legalmente

preconizados, baseados nos princípios, universalmente aceitos, de autonomia, beneficência, não maleficência, justiça e equidade. Você pode manter contato com o CEP pelo email [cep@furg.br](mailto:cep@furg.br), facebook <https://web.facebook.com/cepfurg.comitedeetica.3>, na Universidade Federal do Rio Grande, Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação – PROPESP - Unidade Carreiros, Avenida Itália Km 8, Carreiros, Rio Grande RS, CEP 96201-900, ou pelo telefone (53) 3237.3013.

Ao concordar em participar da pesquisa você receberá uma via do presente documento.

Eu, \_\_\_\_\_, CPF

\_\_\_\_\_

declaro que li o presente convite e concordo em participar da pesquisa, que fui esclarecido(a) acerca dos objetivos da entrevista e cedo os direitos autorais de minha participação na entrevista ( ) gravada em áudio em \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_ para pesquisadores do Projeto: Repensando a forma de produzir: uma análise do processo de transição da produção de tabaco para agroecológica na agricultura familiar no município de São Lourenço do Sul, RS. usá-la integralmente ou em partes, sem restrições de prazos ou citações, desde a presente data.

\_\_\_\_\_

Assinatura do participante

\_\_\_\_\_

Assinatura do pesquisador responsável